

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA LITORAL NORTE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA: LICENCIATURA**

CAMILA YUMI TOCHIHARA REYES

**ESPAÇO EXTERNO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E BNCC:
Um estudo em uma escola do Litoral Norte/RS**

**OSÓRIO
2024**

CAMILA YUMI TOCHIHARA REYES

ESPAÇO EXTERNO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E BNCC:

Um estudo em uma escola do Litoral Norte/RS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia na Universidade Estadual do Rio
Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Carolina Gobbato

OSÓRIO

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

R457e Reyes, Camila Yumi Tochiara

Espaço externo na Educação Infantil e BNCC: um estudo em uma escola do Litoral Norte/RS / Camila Yumi Tochiara Reyes; orientação: Prof.^a Dr.^a Carolina Gobbato. - Osório/RS, 2024.

83 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Pedagogia (Licenciatura), Osório/RS, 2024.

1. Educação Infantil. 2. Espaço externo. 3. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). 4. Direitos de aprendizagem. 5.

CAMILA YUMI TOCHIHARA REYES

**ESPAÇO EXTERNO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E BNCC: UM ESTUDO EM
UMA ESCOLA DO LITORAL NORTE/RS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
a obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia na Universidade Estadual do
Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Gobbato.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Carolina Gobbato (UERGS) – Orientadora

Profª Dra. Lisiane Acosta Ramos (UERGS)

Profª Me. Cinara Rick (Sesquinho)

Aos que acreditaram em mim e me incentivaram a alcançar meus objetivos acadêmicos, meu sincero agradecimento.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus que me abençoou com a oportunidade de realizar o Curso de Pedagogia. Sem as suas bênçãos e amor incondicional, a realização deste trabalho não seria possível. Sou grata por cada oportunidade e por todas as bênçãos derramadas sobre mim e aqueles que amo. Obrigada, Senhor, por iluminar meu caminho e me dar a sabedoria necessária para concluir esta etapa tão significativa.

Expresso minha gratidão à minha mãe, Marta Mariko Tochihara, por seu apoio. Agradeço também ao meu irmão, Caue Yudi, que sempre foi a minha motivação, e à minha mãe de consideração, Marcia Regina Mitsuko Tochihara Dias, por ser uma fonte constante de inspiração e exemplo de integridade e determinação. Sua sabedoria, carinho e apoio inabalável foram essenciais ao longo da minha vida. Desde pequena, você tem sido um modelo de força e bondade, motivando-me a sempre buscar o melhor em mim. Sou profundamente grata por tudo o que aprendi com você e por sua presença em minha vida.

Agradeço a todos os professores que contribuíram para minha trajetória acadêmica, especialmente à minha professora e orientadora Dra. Carolina Gobbato, cuja orientação e apoio foram essenciais para superar os desafios e alcançar resultados que iam além do que eu imaginava ser possível. Sua paciência e constante encorajamento não apenas me guiaram academicamente, mas também me inspiraram a acreditar no meu próprio potencial.

Agradeço às crianças e às instituições de ensino onde tive a oportunidade de aprender durante os estágios curriculares da Pedagogia. Sou grata à escola que possibilitou a realização desta pesquisa, assim como às crianças, à professora e à coordenadora pedagógica, por sua dedicação, tempo e acolhimento durante nossas interações.

Às professoras Dra. Lisiane Acosta Ramos e Me. Cinara Rick, expresso minha sincera gratidão por terem aceitado participar dessa jornada como membros da banca avaliadora. Valorizo imensamente a confiança depositada, a orientação oferecida e a rica troca de conhecimentos durante todo o processo.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar como os campos de experiências e direitos de aprendizagem e desenvolvimento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) se manifestam nos espaços externos da Educação Infantil. Para fundamentar esta investigação, foram consultados autores da área de educação que contribuíram com estudos sobre ambientes externos e a natureza, como Tiriba (2010), Barros (2018) Barbosa e Horn (2022) e Dewey (2023), além de trabalhos acadêmicos que tivessem proximidade com o tema. Do ponto de vista legal, a pesquisa está baseada em políticas e documentos normativos da Educação Infantil no Brasil. Metodologicamente, caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, realizada em uma escola de Educação Infantil, na cidade de Osório/RS, em que foram realizadas observações em uma turma de pré I com nove crianças de quatro e cinco anos. A análise dos dados está dividida em dois eixos. O primeiro reflete sobre como se manifestam os direitos de aprendizagem nesses momentos ao ar livre. O segundo eixo analisa um episódio de descobertas e interações das crianças no espaço externo, evidenciando a articulação com os cinco campos de experiências. Considera-se que os espaços externos da escola de Educação Infantil potencializam os direitos de aprendizagem das crianças, pela amplitude e diversidade de contextos que propiciam. Além disso, frequentar esses espaços cotidianamente também contribuem para a formação de uma conexão respeitosa com a natureza, em situações que fomentam e complexificam as experiências das crianças sem fragmentá-las.

Palavras-chave: Educação Infantil; Espaço Externo; Base Nacional Comum Curricular; Direitos de Aprendizagem; Campos de Experiência.

ABSTRACT

This paper aims to investigate how the fields of experience and learning and development rights of the National Common Curriculum Base (BNCC) are manifested in the outdoor spaces of early childhood education. To support this investigation, authors from the field of education who have contributed to studies on outdoor environments and nature were consulted, such as Barbosa and Horn (2022), Tiriba (2010), Barros (2018) and Dewey (2023), as well as academic works that were close to the topic. From a legal point of view, the research is based on policies and normative documents for Early Childhood Education in Brazil. Methodologically, it is characterized as a qualitative study, carried out in an Early Childhood Education School in the city of Osório/RS, in which observations were made in a Pre-I class with nine children aged four and five. The data analysis is divided into two axes. The first reflects on how learning rights are manifested in these outdoor moments. The second axis analyzes an episode of children's discoveries and interactions in the outdoor space, highlighting the articulation with the five fields of experience. It is considered that the outdoor spaces of nursery schools enhance children's learning rights, due to the breadth and diversity of contexts they provide. In addition, frequenting these spaces on a daily basis also contributes to forming a respectful connection with nature, in situations that foster and complexify children's experiences without fragmenting them.

Keywords: Early childhood education; Outdoor space; Base Nacional Comum Curricular; Learning Rights; Fields of Experience.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CF	Constituição Federal
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil
EI	Educação Infantil
EMEI	Escola Municipal de Educação Infantil
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
PNE	Plano Nacional de Educação
PROINFÂNCIA	Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Escolar Pública de Educação Infantil
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil
RS	Rio Grande do Sul
SBP	Sociedade Brasileira de Pediatria
SCIELO	Scientifer Electronic Library Online
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UERGS	Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REVISÃO DE LITERATURA	13
3	ESPAÇO EXTERNO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	19
3.1	A IMPORTÂNCIA DE “DESEMPAREGAR”	19
3.2	CRIANÇA, EXPERIÊNCIA E NATUREZA.....	21
3.3	QUAL A RELAÇÃO COM A BNCC?.....	26
4	METODOLOGIA	31
4.1	PERCURSOS E ESCOLHAS METODOLÓGICAS.....	31
4.2	A INSTITUIÇÃO.....	34
4.3	PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	43
5	ANÁLISE DE DADOS	46
5.1	DIREITOS DE APRENDIZAGEM NO ESPAÇO EXTERNO.....	46
5.1.1	<i>Conviver com outras turmas e participar do coletivo</i>	47
5.1.2	<i>Brincar livre e conhecer-se em meio à natureza</i>	53
5.1.3	<i>Explorar espaços ao ar livre e expressar descobertas</i>	60
5.2	DESCOBRINDO COGUMELOS: INTEGRAÇÃO DOS CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS NO ESPAÇO EXTERNO.....	66
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
	REFERÊNCIAS	76
	APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA COM A COORDENADORA	79
	APÊNDICE B - ROTEIRO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA	80
	APÊNDICE C - TRIANGULAÇÃO DE DADOS	81
	ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	82
	ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	83

1 INTRODUÇÃO

A concepção tradicional de ambiente educacional, muitas vezes, limita-se às quatro paredes da sala de aula, colocando o espaço externo em um papel secundário na experiência educativa das crianças. Sabe-se que:

Raramente de pés descalços, as crianças brincam sobre chão predominantemente coberto por cimento e brita, revestimentos que predominam nas áreas externas. Poucos pátios são de terra ou barro. A grama, onde existe, muitas vezes não está liberada para as crianças, sob o pretexto de que nela não se pode pisar. Por outro lado, onde ocupa a totalidade da área externa, não oferece alternativas de brincadeiras de cavar, amontoar, criar e demolir, atividades tão desejadas, que só a terra e a areia propiciam (Tiriba, 2005, p. 8).

Diante disso, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como tema o espaço externo na Educação Infantil e Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O interesse pelo assunto surgiu em virtude do Estágio Curricular I - Educação Infantil do Curso de Pedagogia, que aconteceu no primeiro semestre do ano de 2023, e teve como temática a natureza, o imaginário e o brincar. Na ocasião, pude perceber como as crianças ao ar livre têm ampliadas suas possibilidades de poder correr, brincar, pular, se expressar, e o quanto gostam de estar em contato com a natureza, observando com olhar atento sua diversidade.

Pesquisas educacionais mostram que crianças que passam mais tempo em contato com áreas naturais apresentam um comportamento mais harmonioso, fantasiam mais, brincam melhor e têm uma melhor percepção do espaço em que vivem (Grahm, 1994; Tiriba, 2005). O Manual de Orientação sobre os Benefícios da Natureza no Desenvolvimento de Crianças e Adolescentes, criado pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), em colaboração com o programa Criança e Natureza em 2019, também destaca a grande importância do contato com a natureza para o desenvolvimento saudável das crianças e adolescentes. O documento indica acesso diário de crianças e adolescentes, pelo menos durante uma hora, a atividades que envolvam brincar, aprender e interagir com a natureza. Essa recomendação visa promover o desenvolvimento integral, incluindo saúde física, mental, emocional e social (Programa Criança e Natureza e Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019).

Tendo em vista a importância de frequentar espaços ao ar livre e, ao

mesmo tempo, as restrições que existem nas escolas, decidi realizar a pesquisa focando nas experiências das crianças que ocorrem na escola infantil além das quatro paredes da sala referência. Embora o tema tenha sido explorado anteriormente, ainda se fez necessário compreender mais sobre o espaço externo na Educação Infantil, com vistas ao aprofundamento e ampliação das reflexões iniciadas com o estágio curricular.

Durante a elaboração do referencial teórico deste TCC, deparei-me com o livro “Abrindo as portas da escola infantil - viver e aprender nos espaços externos” (Barbosa; Horn, 2022), uma publicação recente que traz compreensões valiosas sobre o tema. A leitura dessa obra trouxe à tona uma provocação crucial sobre os campos de experiência¹ da Base Nacional Comum Curricular para Educação Infantil (BNCC) (BRASIL, 2017): de que forma são vivenciados no espaço externo? Como utilizar o espaço externo de forma significativa para abordar os diferentes Campos de Experiências?

Diante disso, houve o redirecionamento desta pesquisa, que passou a ter o objetivo de compreender como as experiências das crianças no espaço externo relacionam-se com a Base Nacional Comum Curricular para Educação Infantil. Como desdobramento, delinear-se os seguintes objetivos específicos:

- Identificar como os direitos de aprendizagem da BNCC são vivenciados pelas crianças no espaço externo;
- Analisar a relação entre o que acontece no pátio e os campos de experiência da BNCC.

Para tanto, foi realizada uma pesquisa do tipo estudo de caso, em uma escola de Educação Infantil em Osório, com um grupo de crianças, de quatro e cinco anos, tendo sido realizadas entrevistas com a coordenadora, professora titular da turma e observação na turma do Pré I. O referencial teórico embasou-se em autores da Educação Infantil, da Natureza e na Base Nacional Comum Curricular, bem como nas discussões sobre campos de experiência.

Após essa introdução, que equivale ao primeiro capítulo, no segundo capítulo são apresentados estudos acadêmicos, incluindo dissertações e artigos

¹ A Base Nacional Comum Curricular propõe a organização curricular da Educação Infantil estruturada em cinco campos de experiências: 1. O eu, o outro e o nós, 2. Corpo, gestos e movimentos, 3. Traços, sons, cores e formas, 4. Escuta, fala, pensamento e imaginação e 5. Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. No capítulo 3.3 será abordado sobre os campos de experiências.

que exploram a importância e as interações dos ambientes externos na educação infantil, com foco específico no tema desta investigação. No terceiro capítulo, apresenta-se o embasamento teórico fundamentado em estudos da área da Educação Infantil que exploram os ambientes externos na infância. Este capítulo é dividido em três seções: a primeira, aborda conceitos e discorre sobre a importância de desemparedar, reflexões com base na obra “Abrindo as portas da escola infantil- viver e aprender nos espaços externos” (Barbosa, Horn, 2022) relacionando com o tema desta pesquisa; a segunda seção traz apontamentos sobre as experiências das crianças nesses espaços, baseado na obra "Experiência e educação" (Dewey, 2023); e a terceira seção; questões sobre qual a relação e o que diz a BNCC sobre esses espaços ao ar livre.

No quarto capítulo são delineados os métodos adotados, detalhando os processos empregados para a coleta de dados na pesquisa, destacando as técnicas e ferramentas utilizadas, além do contexto investigado e dos participantes envolvidos. O quinto capítulo aborda a análise dos dados obtidos durante a pesquisa, concluindo com as considerações finais deste estudo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo, é apresentada a revisão de literatura, que compreendeu a busca por trabalhos acadêmicos que conseguissem auxiliar no conhecimento do tema estudado neste TCC: o espaço externo na Educação Infantil e a BNCC.

O ponto de partida para conduzir esse levantamento foi encontrar trabalhos acadêmicos que tivessem proximidade com o campo a ser estudado e possibilitassem conhecer quais as metodologias empregadas nas pesquisas, realizando, assim, uma revisão seletiva das produções a serem incluídas.

Em relação a isso, Yin destaca que:

[...] O principal propósito da revisão seletiva é aguçar suas considerações preliminares sobre o seu tema de estudo, método e fonte de dados. Em vez de assumir uma perspectiva mais ampla e relatar o que se sabe sobre um tema (o que seria o objeto de uma revisão abrangente), seu objetivo é revisar e relatar em maior detalhe um leque específico de estudos anteriores, diretamente dirigidos a seu provável tema de estudo, método e fonte de dados (Yin, 2016, p. 78).

Para tanto, foi feita uma consulta nos seguintes sites: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO Brasil) e Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Nesses repositórios, a busca foi por trabalhos pertinentes acerca da temática a ser estudada, tendo as seguintes palavras como descritores: educação infantil; espaço externo; pátio; ar livre; natureza. A seguir, na Tabela 1, são apresentados os resultados encontrados.

Tabela 1 - Resultados encontrados X Bases de dados

PALAVRAS- CHAVE	SCIELO	PORTAL DE PERIÓDICOS CAPES
Educação Infantil; Espaço Externo	2	12
Educação Infantil; Pátio	3	23

Educação Infantil; Ar livre	0	10
Educação Infantil; Natureza	0	25

Fonte: Autora (2024)

Realizada a pesquisa nas duas bases de dados – SciELO Brasil e Portal de Periódicos da CAPES –, posteriormente, foram selecionados os documentos encontrados com base na relevância, diversidade e profundidade das informações que essas obras oferecem. Optou-se por incluir estudos que abordam diferentes perspectivas e aspectos do tema, desde a importância do contato com a natureza até a influência da organização do ambiente externo na escola de Educação Infantil.

Além disso, foram escolhidos trabalhos que apresentam metodologias semelhantes a que pretendia desenvolver e resultados significativos, contribuindo assim para uma análise abrangente e embasada sobre o papel do espaço externo na prática educacional voltada para a primeira infância. De acordo com o que propõe Yin:

Em uma revisão seletiva, os estudos que precisam ser visados e revisados são aqueles que à primeira vista se assemelham muito àquele que você começou a pensar em fazer. É provável que você encontre outros estudos que focaram em temas semelhantes ou usaram um método de coleta de dados parecido (Yin, 2016, p. 78).

Com isso, foi realizada a leitura do título e palavras-chave em algumas das produções acadêmicas, posteriormente, fez-se a leitura dos resumos dos trabalhos selecionados procurando constatar a relação dos mesmos com esta pesquisa e, na última etapa, realizou-se a leitura completa das produções. Desse modo, foram eleitos cinco documentos que mais se associavam ao objetivo dessa pesquisa e o tema estudado.

Na tabela a seguir, são apresentados os documentos selecionados para o estudo mais aprofundado, de acordo com os critérios explicitados anteriormente.

Tabela 2 - Trabalhos selecionados para o estudo

BASE DE DADOS	AUTOR/ANO	TÍTULO
Portal de Periódicos CAPES	TIRIBA, Lea (2018)	Educação Infantil como direito e alegria
Portal de Periódicos CAPES	MONTEIRO, Janaína de Aguiar; RODRIGUES, Jessica (2015)	Os espaços externos como possibilidade de múltiplas experiências na Educação Infantil
SCIELO	EMMEL, Maria Luisa Guillaumn (1996)	O pátio da escola: espaço de socialização
SCIELO	TOLEDO, Maria Leonor Pio Borges (2017)	Pátios de escolas de educação infantil: entre o exposto e o escondido, marcas e vestígios

Fonte: Autora (2024)

Os trabalhos aqui apresentados constituem três artigos e duas dissertações de Mestrado que trazem reflexões sobre a Educação Infantil e o Espaço Externo, destacando sua importância na construção dos conhecimentos e como parceiro pedagógico do docente. Nas produções acadêmicas mapeadas, também é salientada a falta de valorização e uso dos espaços como pátios e jardins nas Instituições de Educação Infantil, se comparado ao espaço interno. Abaixo, aponta-se uma breve síntese de cada trabalho.

De Maria Luísa Guillaumn Emmel (1996), a dissertação “O pátio da escola: espaço de socialização” traz uma pesquisa sobre crianças escolares rurais. A autora fez um projeto com propostas motoras, corporais e de concentração nos espaços externos das escolas, com pouco uso de materiais, porque o objetivo era que as crianças pudessem brincar em casa também, juntamente com sua família e comunidade. O número de crianças que se envolveram no projeto era cada vez mais alto. Com isso, constatou que “O espaço coberto do pátio se esvaziou durante os dias de brincadeira ao ar livre e as correrias e gritos diminuíram consideravelmente” (Emmel, 1996, p. 11), causando impactos positivos na escola. Este estudo ressaltou a utilização do espaço externo nas escolas, evidenciando uma lacuna na consideração e planejamento para atividades de lazer e destacando a necessidade de

reconhecer este ambiente como um recurso valioso para o processo educativo. Portanto, a reflexão sobre a importância do espaço externo no contexto escolar é crucial para a construção deste trabalho, pois enfatiza a relevância de abordar o tema não apenas como uma questão de infraestrutura, mas como um elemento fundamental para promover experiências educativas enriquecedoras na Educação Infantil.

O artigo “Pátios de escolas de educação infantil: entre o exposto e o escondido, marcas e vestígios” (Toledo, 2017) aborda a complexidade dos pátios na educação infantil, destacando tanto o que é visível quanto o que está oculto nesses espaços. Ao analisar as características físicas e culturais desses ambientes, a autora ressalta que os pátios não são apenas áreas de recreação, mas também refletem a cultura e os valores da comunidade escolar. Esta análise revela que esses espaços frequentemente carregam marcas e vestígios de práticas educativas e relações sociais, influenciando diretamente a experiência das crianças na escola. Em relação ao tema do espaço externo na Educação Infantil, o artigo enfatiza a importância de compreender profundamente os pátios para desenvolver estratégias que promovam um ambiente educacional enriquecedor e inclusivo para as crianças na primeira infância.

De Lea Tiriba (2018), o artigo “Educação infantil como direito e alegria” destaca as políticas públicas de educação relacionadas aos direitos da criança de brincar ao ar livre e manter o convívio com a natureza. A referida autora ressalta que as brincadeiras nos espaços externos escolares permitem a criação da conscientização do cuidado e preservação da natureza.

Finalmente, o artigo intitulado “Os espaços externos como possibilidade de múltiplas experiências na educação infantil”, das autoras Janaína de Aguiar Monteiro e Jessica Rodrigues (2015), propõe verificar o relacionamento das crianças e docentes com espaços externos das instituições infantis, discorrendo sobre as experiências que são proporcionadas a partir das relações e interações entre os pares e com a natureza. As autoras ainda enfatizam a importância de “[...] entender os espaços como extensões dos sujeitos, ou seja, como um lugar, é crucial para que se possa otimizar o seu uso, ampliando as oportunidades de experiências das crianças” (Monteiro; Rodrigues, 2015, p. 12). A pesquisa aponta para a necessidade de valorizar e explorar os ambientes externos, considerando-os como extensões das salas, para enriquecer as experiências

educativas das crianças.

Além das produções acima, acrescentei nesse levantamento mais uma dissertação que foi encontrada no Google Acadêmico, devido à sua proximidade em relação à metodologia que pretendia desenvolver, trata-se de uma pesquisa qualitativa. A dissertação “Além de quatro paredes: o espaço externo no cotidiano da educação infantil” (Santos, 2016) apresenta reflexões feitas a partir das observações das ações das crianças no espaço externo de uma instituição de Educação Infantil, sinalizando as possibilidades que esse espaço oferece. A autora enfatiza a relevância de incluirmos os espaços externos no planejamento, aumentando as interações das crianças com seus pares e amplificando a articulação delas com elementos da natureza, proporcionando assim autonomia para seus corpos, brincadeiras, interações e criações.

Conforme apresentado, a revisão seletiva permitiu uma compreensão mais aprofundada do tema desta pesquisa. Os trabalhos listados anteriormente informam que o contato com o espaço externo é significativo porque proporciona um ambiente rico em estímulos e oportunidades de aprendizado. Os pátios oferecem às crianças a chance de explorar a natureza, desenvolver habilidades motoras, sensoriais e cognitivas, além de promover interações sociais e emocionais. Sendo assim, na Educação Infantil, devemos garantir a oportunidade de habitar o espaço externo das escolas, criando possibilidades para que a partir do contato com a natureza a criança possa instigar sua curiosidade e se desenvolver integralmente. A conexão com a natureza em espaços ao ar livre precisa ser cultivada desde a primeira infância.

Então, com a leitura dos trabalhos, ficou evidente o quanto os espaços externos são contextos de aprendizado tão importantes quanto os ambientes internos da escola. Ao mesmo tempo, evidenciou-se os desafios enfrentados pelas instituições educacionais na promoção de espaços externos de qualidade, mais enriquecedores e inclusivos para todas as crianças. Essa constatação me incentivou a refletir sobre a organização e o uso desses ambientes, considerando sua capacidade única de fomentar a curiosidade, a criatividade e a conexão com a natureza. E também a pensar sobre como essas questões dialogam com o proposto na BNCC para Educação Infantil? Contribuindo assim para o redimensionamento da pesquisa voltado a investigar como são vivenciados os direitos de aprendizagem e os campos de experiência no espaço externo. No

capítulo seguinte, apresenta-se o referencial teórico da pesquisa.

3 ESPAÇO EXTERNO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste capítulo, estão dispostos os fundamentos teóricos desta investigação sobre o espaço externo na Educação Infantil, organizados em três seções. Discorre-se sobre a importância atribuída ao espaço externo e os documentos que asseguram o direito da criança de participar de experiências diversificadas, tanto dentro quanto ao ar livre.

A primeira seção introduz o conceito de desemparedar (Tiriba, 2018), e traz os apontamentos de Barbosa e Horn (2022) que se refere à prática de levar propostas educacionais além das quatro paredes. Na segunda seção, explora-se a relação entre a criança e o ambiente natural, discorrendo sobre as crianças como participantes ativos no processo de aprendizagem e sobre as práticas pedagógicas alinhadas com os princípios de uma educação que fomente as experiências, de acordo com documentos orientadores da Educação Infantil. Na terceira seção, são tecidas reflexões acerca de como a organização curricular proposta pela BNCC pode relacionar-se com a proposição de experiências ao ar livre no currículo da Educação Infantil.

3.1 A IMPORTÂNCIA DE “DESEMPAREDAR”

Os espaços externos têm um papel crucial na Educação Infantil. Ao explorar áreas ao ar livre, as crianças têm a oportunidade de se engajar em experiências diversas, interagindo com a natureza de maneira direta e significativa. A interação com o ambiente externo também é um convite à curiosidade, criatividade e imaginação, incentivando uma abordagem de aprendizagem ativa e exploratória.

Conforme Barbosa e Horn (2022) as crianças:

[...] precisam conhecer o mundo, ampliar experiências, investigar e transformar os objetos ao seu redor. É fundamental, pois, que os educadores infantis tenham consciência de sua responsabilidade sobre essas questões, tendo em vista que **as crianças aprendem em todos os espaços da escola infantil e que os espaços externos, sejam eles na escola ou na comunidade, são locais privilegiados para ricas e prazerosas aprendizagens** (Barbosa, Horn, 2022, p. 2, grifo nosso).

Nesse sentido, as autoras ressaltam a importância de reconhecer o protagonismo das crianças em sua própria aprendizagem, destacando a necessidade de proporcionar ambientes que as incentivem a explorar e interagir com o mundo ao seu redor. Os educadores são fundamentais nesse processo, pois têm a responsabilidade de criar espaços que favoreçam a experimentação e descoberta. Ao reconhecer que as crianças aprendem em todos os espaços da escola, são desafiados a ampliar sua visão além da sala de aula tradicional, valorizando outros espaços internos da instituição, assim como os pátios, jardins e quintais como locais privilegiados para a aprendizagem significativa.

É importante considerar também a participação da educadora [...], quando ela presta atenção ao que as crianças falam e acolhe o que fazem, o material que disponibiliza, as perguntas que permitem às crianças estabelecer e, principalmente, à aventura de interagirem com elementos tão significativos da natureza, como o barro e água (Barbosa, Horn, 2022, p. 2).

Contudo, a realidade vivenciada pelas crianças no dia a dia é outra. Tradicionalmente, o espaço interno é visto como o principal espaço de aprendizado, onde conhecimentos são transmitidos e habilidades são desenvolvidas; e o espaço externo como um espaço secundário.

Segundo Haddad e Horn (2013), uma ideia muito compartilhada é a de que as crianças precisam gastar energia acumulada e a área externa é propícia para isso, fazendo com que o espaço externo seja, mais uma vez, colocado como um local sem importância, de escape.

É importante refletir sobre como essa percepção influencia negativamente na abordagem em relação ao espaço externo e às propostas ao ar livre para as crianças. Ao considerarmos o espaço externo apenas como um local para "escapar" ou para liberar energia, corremos o risco de subestimar seu potencial como ambiente de aprendizado e desenvolvimento (Haddad, Horn, 2013).

De modo geral, ao invés de ocorrer a ampliação e qualificação do espaço externo, cada vez mais, são aumentados muros, gramas sintéticas e lajes.

Diante disso:

É fundamental **investir no propósito de desaparedar e conquistar os espaços que estão para além dos muros escolares**, pois não apenas as salas de aula, mas todos os lugares são propícios às aprendizagens: terreiros, jardins, plantações, criações, riachos, praias,

dunas, descampados; tudo que está no entorno, o bairro, a cidade, seus acidentes geográficos, pontos históricos e pitorescos, as montanhas, o mar... Além de se constituírem como espaços de brincar livremente e relaxar, estes locais podem também ser explorados como lugar de ouvir histórias, desenhar e pintar, espaços de aprendizagem, em que se trabalha uma diversidade de conhecimentos (Tiriba, 2010, p. 9, grifo nosso).

O espaço externo é um ambiente rico em possibilidades, cheiros, texturas, formas e cores que convida as crianças a explorar, descobrir e interagir com o mundo ao seu redor. É um espaço onde podem aprender sobre a natureza, sobre si mesmas e sobre os outros. Além disso, o contato com o ar livre e a luz do sol é essencial para a saúde física e mental das crianças, contribuindo para seu bem-estar geral.

Segundo Tiriba (2018), pátios, parques, praças e áreas verdes, bem como os espaços livres e abertos para o brincar que encontramos nas escolas, “ajudam na promoção da saúde física e mental e no desenvolvimento de habilidades cognitivas sociais e emocionais” (p. 19). Portanto, ao invés de conceber o espaço externo apenas como um local para gastar energia, devemos reconhecê-lo como um ambiente de aprendizado, onde as crianças podem desenvolver habilidades físicas, cognitivas, emocionais e sociais de maneira integrada.

Na Educação Infantil, é preciso desemparedar (Tiriba, 2018). Os educadores devem criar oportunidades valiosas para o desenvolvimento integral das crianças ao ar livre, proporcionando experiências educacionais enriquecedoras e significativas desde os primeiros anos de vida. Sendo assim, apresentada de forma abrangente a relevância do espaço externo, discorro a seguir sobre fundamentos e reflexões sobre as experiências das crianças no encontro com a natureza.

3.2 CRIANÇA, EXPERIÊNCIA E NATUREZA

A concepção de criança, presente no artigo 4º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (BRASIL, 2009), afirma que ela é:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta,

narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009).

Essa conceitualização destaca a visão da criança como um ser ativo e participativo, cujo desenvolvimento e aprendizado são construídos por uma variedade de experiências e interações. A criança é uma cidadã, detentora de direitos desde o seu nascimento, incluindo o direito à educação, conforme o estabelecido na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CF/88).

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/96), artigo 29, a Educação Infantil atende crianças de zero a três anos na creche e de quatro e cinco anos na pré-escola e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996).

Desde então, diversas políticas e documentos foram feitos para orientar o trabalho pedagógico. Porém, Léa Tiriba (2010) traz à tona uma indagação relevante sobre as repercussões do direito à educação na vida das crianças pequenas.

Em 1988, quando foi aprovada a atual Constituição Brasileira, a Educação Infantil passou a ser um direito das crianças. Mas, se elas chegam às IEI aos 4 meses e saem aos 5 anos; se, até os dois anos frequentam raramente o pátio, e, a partir dessa idade, adquirem o direito de permanecer por apenas uma ou duas horas ao ar livre, brincando sobre cimento, brita ou grama sintética; se as janelas da sala onde permanecem o restante do tempo não permitem a visão do mundo exterior; se assim os dias se sucedem, essas crianças não conhecem a liberdade... o que foi conquistado como direito, em realidade constitui prisão (Tiriba, 2010, p. 6).

Nessa citação, percebe-se que, embora as crianças tenham o direito de frequentar creches e pré-escolas desde pequenas, muitas vezes suas experiências dentro das instituições não correspondem ao que seria ideal para seu desenvolvimento e bem-estar. Tiriba (2010) aponta que, devido às limitações físicas e estruturais das escolas, as crianças têm acesso limitado ao espaço externo e à natureza, passando a maior parte do tempo em ambientes fechados.

A descrição apresentada pela referida autora sugere que muitas crianças enfrentam restrições significativas nesses aspectos, sem contato com a grama, sem poder olhar para fora, o que compromete a qualidade de sua experiência na Educação Infantil. Dessa forma, a realidade pedagógica muitas vezes não reflete as indicações das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil

(DCNEI) (BRASIL, 2009), que enfatizam a importância de proporcionar um ambiente educativo que promova o acesso ao ar livre, contato com a natureza e o movimento amplo.

É fundamental que os educadores reconheçam e valorizem o potencial das crianças como participantes ativos e construtores de seu próprio conhecimento, buscando alinhar suas práticas pedagógicas com os princípios que promovem uma educação centrada na criança e suas relações, incluindo os contextos para experiências das crianças ao ar livre. Segundo Dewey, é preciso romper com a educação tradicional que desconsiderava a capacidade e os propósitos dos alunos (Dewey, 2023, p. 58,).

É preocupante constatar que, apesar de reconhecermos o potencial das crianças como seres competentes, ativos e curiosos, muitas das propostas contradizem esse entendimento. Nesse sentido, Dewey (2023), explicava que “não é suficiente insistir na necessidade da experiência, nem inclusive da atividade na experiência. Tudo depende da qualidade da experiência que se tenha” (Dewey, 2023, p. 27).

Desta maneira, corroboro com o autor quando ressalta a importância da qualidade da experiência, e trago essas provocações para pensar sobre as experiências das crianças no encontro com a natureza, o que sentem, pensam e fazem ao ar livre. Reconhecendo que a experiência por si só não é suficiente, Dewey destaca que é importante não apenas proporcionar experiências, mas também garantir que essas experiências sejam significativas e desafiadoras.

O filósofo explora dois princípios fundamentais para avaliar a experiência: a continuidade e a interação. 1) Continuidade: este princípio sugere que cada experiência é influenciada por experiências anteriores e, ao mesmo tempo, contribui para as experiências futuras, formando um ciclo constante; 2) Interação: considera que as condições externas e internas da experiência são igualmente importantes e indissociáveis, o espaço modifica o sujeito que, por sua vez, modifica o espaço, esses dois elementos combinados constituem o que ele chama de situação (Dewey, 2023).

Os contextos planejados para favorecerem as experiências das crianças, possibilitando que construam suas explicações para o mundo, devem acontecer também nos espaços exteriores. Na Educação Infantil, é importante incentivar as crianças a cuidarem, cultivarem e valorizarem a natureza, pois sabemos que

estar em contato com o meio ambiente beneficia o desenvolvimento e a aprendizagem. Ao explorar, fazer experimentos com as folhas de árvores e gravetos, passar mais tempo ao ar livre e explorar esse meio em que vivemos, as crianças constroem suas próprias experiências com a natureza. Podem investigar, brincar, sentir cheiros, observar o céu, a transformação das árvores ao longo do ano.

A importância da relação da criança com a natureza já foi apontada por Freinet (apud Araújo, 2007, p. 162). Ele também considera que “a criança deve estar em contato com a natureza, ao menos de alguns elementos naturais: água, terra, plantas e animais”. A criança ao ar livre tem ampliadas suas possibilidades de poder correr, brincar, pular e se expressar, e só assim ela será capaz de construir as suas experiências e buscar a sua própria autonomia.

Nesse sentido, ao explorar o entorno do espaço disponível, “no contato com os elementos da natureza, as crianças podem observar, tocar, descobrir [...] ouvir e brincar” e, “desenvolver a aprendizagem usando com o ar, a terra, a água, as plantas, as pedras, areia, as folhas, dentre tantos outros” (Santos et al., 2017, p. 2). Nesta mesma direção, Tiriba também afirma que:

Podemos pensar que as brincadeiras nos espaços externos podem constituir fonte de sentimento de solidariedade e companheirismo. Um pátio que é de todos onde cada um pode escolher com quem e com o que deseja brincar não oferece atitudes individualistas e competitivas, ao contrário constitui espaço de convivência amistosa, prazerosa (Tiriba, 2005, p.7).

Os pátios são contextos privilegiados para as interações e a brincadeira, eixos da prática pedagógica na Educação Infantil (BRASIL, 2009). Nesse sentido, Kishimoto (2007) afirma que a criança e todo ser vivo precisam do movimento para viver, expressar e se comunicar. Segundo a autora:

Aspectos motores, cognitivos, sociais e afetivos integram-se no ser humano, especialmente nas crianças pequenas em que pensamento e ação caminham juntos. Pelo brincar, envolvendo ações motoras, a criança amplia o desenvolvimento cognitivo e afetivo, até que construa a significação simbólica (Kishimoto, 2007, p. 265).

O brincar é fundamental na Educação Infantil. Em primeiro lugar, o brincar é uma forma prazerosa de aprendizado, permitindo que as crianças explorem o mundo de forma criativa e espontânea. Em segundo, o brincar permite que as

crianças experimentem diferentes papéis sociais e desenvolvam a empatia e a capacidade de se colocar no lugar do outro. Em terceiro, é importante destacar que o brincar contribui para o desenvolvimento da autoestima, da criatividade e da imaginação das crianças, além de promover a interação e a socialização com outras crianças e adultos (Kishimoto, 2007). Por todas essas razões, o brincar deve ser valorizado e incorporado como primordial na educação infantil, tanto no interior quanto no exterior.

Ressalto que, ao projetar e implementar espaços externos nas escolas infantis, é essencial considerar a integração de elementos naturais, oferecendo oportunidades para a exploração, interações e a brincadeira ao ar livre. No que diz respeito aos equipamentos e materiais, além dos tradicionais, pode-se introduzir novos elementos e recursos para enriquecer a experiência das crianças, ampliando sua curiosidade, criatividade e exploração. Além daqueles mais comuns como balanço, trem, gangorra, escorredor, geralmente fixos, também seria importante ter elementos móveis, jogos, brincadeiras, bem como a oferta de outros materiais também.

A preparação dos contextos de experiências a serem realizadas nas áreas externas requer cuidados tanto em relação aos materiais que disponibilizamos e aos locais selecionados como no que se refere às possibilidades de intervenções que as crianças poderão realizar. Isso não implica prever resultados, mas possibilitar desafios a elas. Nas mãos das crianças, os materiais se transformam, perdem seu uso original. Ora são torres de um castelo, ora edifícios de uma grande cidade, ora transformam-se em uma ponte ou em um túnel (Barbosa, Horn, 2022, p. 94).

Apesar dos desafios, é crucial que educadores e gestores se empenhem em proporcionar contextos para que as crianças tenham experiências significativas na natureza, reconhecendo seu potencial transformador. O envolvimento das crianças com os elementos naturais beneficia a aprendizagem nos mais variados aspectos, promovendo o desenvolvimento integral das crianças, objetivo da Educação Infantil de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996).

No entanto, ao considerar a relevância das experiências das crianças e do planejamento de práticas pedagógicas no espaço exterior, surge o questionamento sobre a relação com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo, que é referência obrigatória para elaboração dos

currículos escolares na Educação Infantil. Como podemos articular os campos de experiência e os direitos de aprendizagem da BNCC com a promoção do contato das crianças com a natureza no espaço externo?

3.3 QUAL A RELAÇÃO COM A BNCC?

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Resolução CNE/CP Nº 2, é um documento de caráter normativo que é referência nacional para os sistemas de ensino e define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais. A Base não é um currículo pronto. Corresponde à parte comum dos currículos, que também devem ser compostos pela parte diversificada, de acordo com as particularidades regionais e locais, conforme determina a LDB, no artigo 26, da lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013).

Em 2018, foi oficialmente publicada a versão final da BNCC, com orientações acerca de quais as aprendizagens os professores devem desenvolver na Educação Básica. Mas a construção do documento envolveu duas versões anteriores.

A primeira versão foi disponibilizada para consulta pública entre setembro de 2015 e março de 2016. Durante este período, foi permitido que o público participasse, tendo acesso ao documento inicial e podendo enviar sugestões dentro de um prazo estipulado. Em meados de 2016, foi disponibilizada a segunda versão da BNCC, que foi submetida à discussão em seminários. Essas reuniões tinham como meta obter contribuições significativas de estudantes, educadores, especialistas, coordenadores e organizações para aprimorar o documento (Portal da BNCC do MEC) (BRASIL, 2018).

Todavia, a BNCC, desde a sua concepção, desenvolvimento e aprovação, tem sido influenciada por interesses políticos, econômicos e educacionais. Esses interesses frequentemente divergentes moldaram o processo de elaboração da Base, refletindo disputas sobre currículo, métodos de ensino e diretrizes

educacionais.

Na leitura da BNCC, visualizamos narrativas oriundas de grupos religiosos que defendem concepções conservadoras de educação, família, escola e aprendizagem; de grupos empresariais que compreendem a educação como mercadoria e buscam influenciar as pautas de elaboração de orientações e leis da educação, em diferentes instâncias governamentais, visando a captar recursos públicos para a ampliação de seus lucros; de agentes do governo que defendem a criação de um estado mínimo e a diminuição de investimentos em educação, cultura, saúde, moradia e trabalho, bem como a execução de políticas públicas fundamentadas em princípios econômicos ultraliberais e de cunho religioso que atingem direitos constitucionais e a soberania do Brasil; de estudantes, professores, gestores e pesquisadores que compreendem a educação como um direito social e um bem cultural e defendem a educação pública, gratuita, laica, inclusiva e de qualidade para todos os brasileiros; e de tantos outros atores que, sem terem seus nomes identificados, influenciam os rumos da educação no cotidiano de suas instituições e, conseqüentemente, a formação de professores da Educação Infantil (Santos, 2017, p. 148).

Com relação à Educação infantil, a BNCC reitera as interações e a brincadeira como eixos da prática pedagógica, já antes definidos pela DCNEI (BRASIL, 2009). E reforça a concepção de criança como:

[...] ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo (BRASIL, 2017).

A BNCC indica a necessidade de imprimir intencionalidade educativa às práticas pedagógicas tanto na creche quanto na pré-escola. Diferenciando-se das demais etapas, apresenta para a Educação Infantil direitos de aprendizagem e desenvolvimento e um arranjo curricular por campos de experiência, e não por áreas disciplinares, conteudistas e transmissivas.

Os seis direitos da aprendizagem e desenvolvimento, desde as Creches (bebês) Maternais (crianças bem pequenas) e Pré-escola (crianças pequenas), são: “conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se”, que assim se caracterizam a partir dos princípios e objetivos já anunciados nas DCNEI.

Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos; **Brincar** cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros; **Participar** das

atividades propostas; **Explorar** movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, elementos da natureza, na escola e fora dela; **Expressar**, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos; e **Conhecer-se** construindo construir sua identidade pessoal, social e cultural, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar (BRASIL, 2018).

Esses direitos de aprendizagem foram organizados em cinco Campos de Experiências, que são: “O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações” (BRASIL, 2017), em um arranjo curricular que acolhe os saberes e as experiências concretas das crianças entrelaçando-as aos conhecimentos. Os campos concebem em linhas gerais:

O **Eu, o Outro e o Nós** define: É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista [...]

Corpo, Gestos e Movimentos - Com o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural [...]

Traços, Sons, Cores e Formas - Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras. [...]

Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social.. [...]

Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações espaços e tempos de diferentes dimensões, em um mundo constituído de fenômenos naturais e socioculturais. Além disso, nessas experiências e em muitas outras, as crianças também se deparam, frequentemente, com conhecimentos matemáticos (contagem, ordenação, relações entre quantidades, dimensões, medidas, comparação de pesos e de comprimentos, avaliação de distâncias, reconhecimento de formas geométricas [...]) (BRASIL, 2017).

A organização curricular proposta na BNCC, baseada nos campos de experiência, centraliza a ação da criança e suas relações no processo de

aprendizagem, e não conteúdos disciplinares. Segundo Barbosa et. al. (2016, p. 23), “Cada um desses campos oferece às crianças a oportunidade de interagir com pessoas, objetos, situações e atribuir-lhes um sentido pessoal, mediados pelos professores para qualificar e aprofundar as aprendizagens feitas.”

Para as vivências e conhecimentos das crianças de forma integrada, os campos de experiências oferecem oportunidades para que elas possam interagir, se expressar, e conviver com situações que lhes permitam explorar, investigar, imaginar e se movimentar. Conforme o documento “Campos de experiência: efetivando direitos e aprendizagens na educação infantil”:

O currículo por campos de experiências defende a necessidade de conduzir o trabalho pedagógico na educação infantil por meio de organização de práticas abertas às iniciativas, desejo e formas próprias de agir da criança, que mediadas pelo professor, constituem contexto rico em aprendizagens significativas. Assim, os campos de experiências apontam para a imersão da criança em situações nas quais ela constrói noções de afeto, habilidades, atitudes e valores, construindo sua identidade. Eles mudam o foco do currículo da perspectiva do professor para a da criança, que empresta um sentido singular às situações que vivencia à medida que efetiva aprendizagens (BRASIL, 2017, p. 10).

A organização curricular a partir dos campos de experiências presume circunstâncias de aprendizagens em todos os espaços da instituição, incluindo o externo. Mas, muitas vezes, as instituições focam exclusivamente na transferência de objetivos conteudistas, relegando a segundo plano a importância de proporcionar experiências significativas e enriquecedoras para os pequenos, inclusive nos pátios.

De modo geral, o cotidiano vivido nas instituições não está de acordo com esse pensamento, pois o modelo de prática educativa vivenciado no dia a dia de grande parte das escolas de educação infantil contempla os saberes curriculares considerados importantes como “conteúdo ou objetos a serem transferidos”, em uma sequência sempre igual de atividades planejadas e “rigorosamente” executadas e avaliadas (Barbosa, Horn, 2022, p.66).

Equívocadamente, em vez de serem incentivadas a explorar, questionar e descobrir o mundo ao seu redor, as crianças são direcionadas a cumprir metas pré-determinadas, seguindo um roteiro padronizado que não leva em consideração suas individualidades, interesses e necessidades.

Barbosa e Horn (2022), em sua obra sobre os espaços externos, destacam a importância de reconhecer que as crianças naturalmente carregam

desejos de aprender, explorar e descobrir. Segundo as autoras, as experiências ao ar livre podem potencializar essas curiosidades das crianças, conforme discutido no livro "Espaço Externo", ao explorarem os campos de experiência.

Para organizarmos a escola de educação infantil a partir dos campos de experiências, é preciso reconhecer que as crianças têm em si o desejo de aprender, conhecer, explorar. Em função disso, os educadores devem estar atentos a esse fazer, descobrindo pistas para enriquecer e complexificar suas experiências (Barbosa, Horn, 2022, p. 71).

Na BNCC, há também os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, separados em três grupos etários: a) bebês (de 0 a 1 ano e 6 meses); b) crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses); c) crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses) (BRASIL, 2017). Segundo o documento, essa categorização é fundamentada nas particularidades e demandas específicas de cada faixa etária, possibilitando um tratamento mais individualizado das características distintas dos diversos grupos etários. Isso se deve ao fato de que mesmo em um intervalo curto pode ocorrer grandes variações nas formas de interação. No entanto, essa separação por idade também gerou críticas, pois classifica as crianças. Já os objetivos separados e sequenciados por idade dizem respeito a uma abordagem curricular mais conteudista, transmissiva e prescritiva, potencialmente limitando a flexibilidade do currículo às necessidades individuais das crianças.

Hoje a Educação Infantil é vista como uma etapa de grande importância, que visa ao desenvolvimento integral das crianças. Por isso, garantir contextos para as suas experiências, com variedade nas propostas e materiais é indispensável. Apesar das críticas e circunstâncias que envolvem a elaboração da Base, os direitos de aprendizagem e os campos de experiência são um caminho curricular potente. Cabe pensarmos como vivenciá-los junto às crianças também no espaço externo.

Nesse sentido, no próximo capítulo, será apresentada a metodologia empregada para geração de dados nesta pesquisa, juntamente com informações contextualizando a escola e as entrevistadas.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresenta-se a metodologia de pesquisa, descrevendo o percurso investigativo que foi trilhado, o método escolhido e os procedimentos implementados no estudo de caso, além de oferecer uma contextualização da escola investigada e dos sujeitos da pesquisa.

4.1 PERCURSOS E ESCOLHAS METODOLÓGICAS

Os percursos metodológicos deste trabalho de conclusão de curso foram trilhados para investigar como os diferentes campos de experiências e os direitos de aprendizagem acontecem nos espaços externos da educação infantil. Com isso, a abordagem que se fez necessária foi a de cunho qualitativo, não buscando medir dados ou quantificá-los, mas sim compreender os elementos relacionados ao uso do espaço externo na Educação Infantil.

Robert k. Yin (2016) não traz uma definição singular sobre o que seria uma pesquisa qualitativa, mas lista cinco características, as quais relacionei com minha pesquisa:

a) estudar o significado da vida das pessoas, nas condições da vida real - a pesquisa aconteceu através do acompanhamento de um grupo de crianças em uma Escola Municipal de Educação Infantil, localizada na cidade de Osório/RS, com observação dos espaços e da exploração realizada por elas.

b) representar as opiniões e perspectivas das pessoas participantes de um estudo - buscou-se retratar o ponto de vista das pessoas envolvidas no estudo, especialmente das entrevistadas e das crianças, com o intuito de capturar suas experiências reais na escola. Esse processo foi conduzido com sensibilidade, assegurando o máximo respeito aos dados fornecidos.

c) abranger as condições contextuais em que as pessoas vivem - a leitura de documentos institucionais possibilitou uma compreensão do entorno social e ambiental, entendendo sua influência nas práticas educacionais da instituição investigada.

d) contribuir com revelações sobre conceitos existentes ou emergentes que podem ajudar a explicar o comportamento social humano - correlacionando as observações com a revisão de literatura e o referencial teórico apresentados

neste trabalho foi possível contribuir, enriquecendo o debate acadêmico sobre o tema.

e) esforçar-se por usar múltiplas fontes de evidência em vez de se basear em uma única fonte - além da observação, foram utilizadas outras técnicas, como entrevistas e análise de documentos, o que permitiu reunir informações de diferentes fontes.

Em decorrência, a escolha foi o estudo de caso como método, pois visa produzir dados de um grupo específico, investigar, integrar e refletir sobre um contexto específico, buscando alcançar os objetivos previstos para esse estudo.

Conforme Yin (2005):

O estudo de caso pode ser tratado como importante estratégia metodológica para a pesquisa em ciências humanas, pois permite ao investigador um aprofundamento em relação ao fenômeno estudado, relevando nuances difíceis de serem enxergadas a "olho nu" (Yin, 2005, p. 29).

Sendo assim, foi realizado um estudo de caso em uma Escola Municipal de Educação Infantil situada no município de Osório/RS, em uma turma de pré I. Considerando o propósito deste estudo, primeiramente foi conduzido um levantamento do conhecimento existente, abrangendo produções acadêmicas sobre "Espaço externo e Educação Infantil", apresentado no Capítulo 2. Em seguida, foi realizada a revisão teórica sobre o tema, incluindo também a BNCC, que indica como deve ser o arranjo curricular na primeira etapa da Educação Básica, conforme exposto no Capítulo 3.

Na sequência, foi feito contato com a Secretaria de Educação Municipal de Osório/RS, para falar sobre a proposta de pesquisa e entregar uma carta de apresentação. Após foi estabelecido contato com a escola infantil e, em um encontro presencial, houve uma conversa com a diretora explicando a proposta da pesquisa e a intenção de realizar uma entrevista com a coordenadora e a professora titular da turma, além das observações. Com a autorização da Secretaria e a concordância da escola, iniciou-se o trabalho de campo.

A geração de dados para a pesquisa aconteceu por meio da realização de entrevistas com a coordenadora da instituição, tendo como base um roteiro (APÊNDICE A) e a professora titular do pré I (APÊNDICE B). As questões previamente pensadas procuraram conhecer as concepções das entrevistadas

sobre o espaço externo na Educação Infantil, o que pensam sobre o tema, bem como quais as propostas oferecidas às crianças no cotidiano da pré-escola pesquisada.

Para Yin as entrevistas são:

Uma das mais importantes fontes de informações para um estudo de caso [...]. Pode-se ficar surpreso com essa conclusão, por causa da associação usual que se faz entre as entrevistas e o método de levantamento de dados. As entrevistas, não obstante, também são fontes essenciais de informação para o estudo de caso (Yin, 2005, p. 112).

Em relação as entrevistas, pretendia-se realizá-las presencialmente, contudo, devido a questões relacionadas ao desenvolvimento da escola, as participantes optaram responder as questões por escrito.

Também foram realizadas observações ao longo de nove dias, acompanhando a turma do Pré I, tanto dentro quanto fora da sala de referência. Desde o início, as crianças demonstraram acolhimento, convidando-me para brincar e compartilhando relatos sobre seus dias.

Observar foi fundamental para estabelecer uma conexão com as crianças, ganhando sua confiança e promovendo um ambiente de interação. Essa proximidade permitiu captar nuances comportamentais e emocionais que seriam difíceis de perceber de outra forma, enriquecendo a qualidade dos dados coletados e proporcionando uma visão mais autêntica e detalhada da realidade estudada, assim pratiquei a observação participante. De acordo com Yin (2005), “É uma modalidade especial de observação na qual você não é apenas um observador passivo. Em vez disso, você pode assumir uma variedade de funções dentro de um estudo de caso e pode, de fato, participar dos eventos que estão sendo estudados” (2005, p. 116).

Penso que neste ponto é pertinente abordar a relevância da observação dos gestos, movimentos e outras manifestações das crianças, reconhecendo-as como agentes ativos no processo investigativo. Isso permite captar aspectos significativos e entender suas interações de maneira mais abrangente. Além disso, destaco a importância de respeitar o ritmo individual das crianças durante as observações, promovendo um ambiente onde possam se expressar livremente e de forma autêntica.

Como ferramenta para registro de dados, foram utilizadas fotografias e um

diário de campo elaborado em um caderno. Durante as observações, realizava anotações imediatas, transcrevia as falas das crianças, capturando impressões e eventos relevantes no momento em que ocorriam. Essas anotações eram complementadas por fotografias, que ajudavam a documentar visualmente as interações e contextos observados. Ao final do dia, revisava e complementava as anotações em casa, procurando qualificar as informações registradas. Essa prática de intercalar registros escritos com imagens permitiu uma documentação detalhada e reflexiva do processo de pesquisa.

Na seção seguinte, apresenta-se a contextualização do local de pesquisa.

4.2 A INSTITUIÇÃO

A Escola pesquisada localiza-se no Litoral Norte do Rio Grande do Sul/RS. Foi inaugurada em 6 de agosto de 2011, seu nome foi em homenagem ao ex-Governador Leonel de Moura Brizola. Sua mantenedora é a Secretaria de Educação do município (EMEI Leonel de Moura Brizola, 2023).

De acordo com o documento, a escola é caracterizada como tipo B (FIGURA 1) do padrão do programa Pró-Infância², criado em 2007.

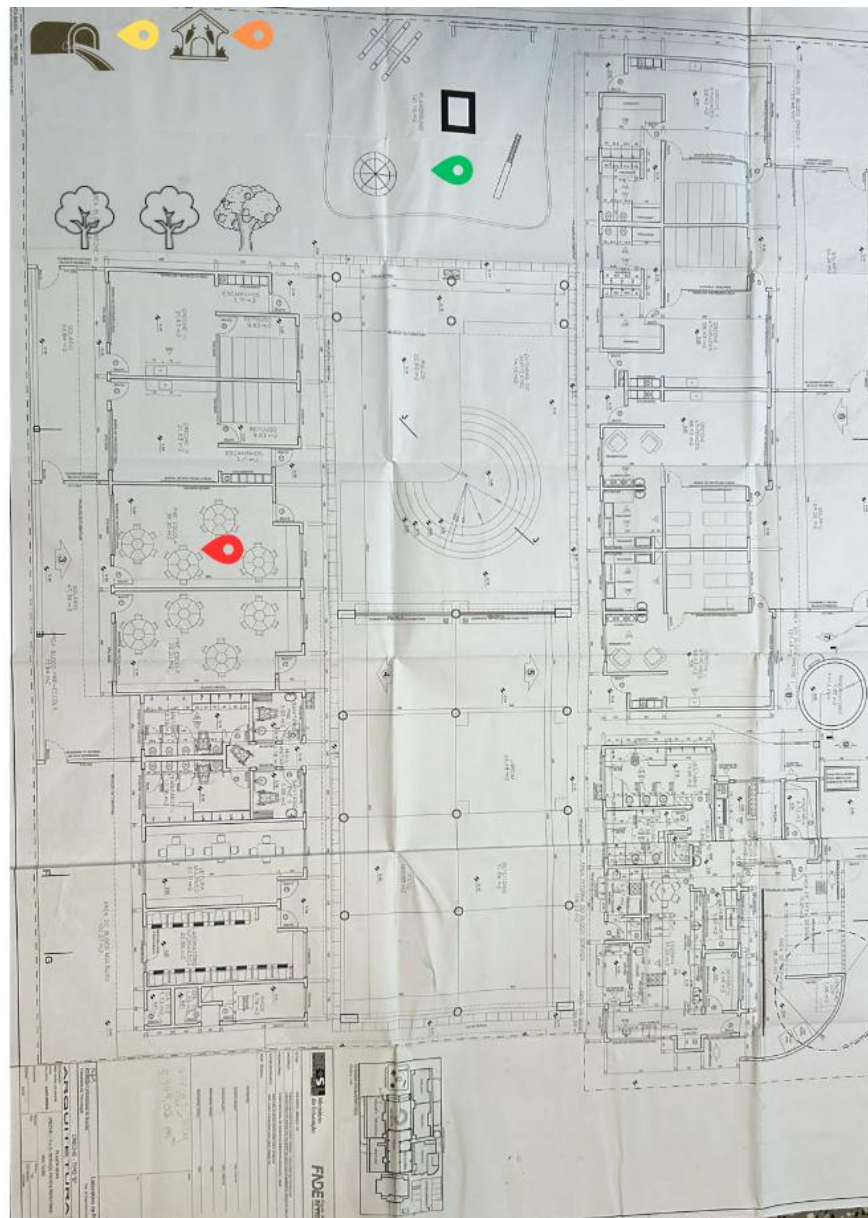
² O ProInfância é um programa de assistência financeira ao Distrito Federal e aos municípios para a construção, reforma e aquisição de equipamentos e mobiliário para creches e pré-escolas públicas da educação infantil. O objetivo é garantir o acesso de crianças a creches e escolas de educação infantil públicas, especialmente em regiões metropolitanas, onde são registrados os maiores índices de população nesta faixa etária.

Figura 1- Vista frontal da escola



Fonte: Autora (2024)

Figura 2 - Imagem da planta baixa da escola- localização do espaço externo



📍 Área externa- brinquedos fixos

📍 Espaço Pet

📍 Espaço Curioso por natureza

📍 Sala referência do pré

Fonte: Intervenção na planta fornecida pela direção (2024)

A instituição foi escolhida para realização da pesquisa por possuir uma área externa vasta e pelo espaço que oferece às crianças, permitindo a integração com a natureza e a realização de propostas ao ar livre. Na figura 3 pode-se perceber que a área externa inclui amplos gramados que são ideais para propostas ao ar livre, como brincadeiras, jogos. A presença de árvores e

áreas verdes contribui para a criação de um ambiente tranquilo e acolhedor, há extensa área de grama.

Figura 3 - Vista aérea da escola



Fonte: Direção da EMEI pesquisada (2024)

Em frente à escola, localiza-se a Vila Olímpica, um espaço municipal com áreas verdes, praça e ginásio aberto à comunidade (FIGURA 4).

Figura 4 - Vista da Escola à Vila Olímpica



Fonte: Autora (2024)

Atualmente, a escola atende 160 crianças com faixa etária entre 4 meses

e 5 anos, oferecendo 5 turmas de turno integral (EMEI pesquisada, 2023).

A escola é composta por uma diretora, uma supervisora, uma profissional da Educação Especial/AEE, um secretário, oito professoras e 13 auxiliares. A instituição também possui em seu quadro de funcionários dois serventes, três merendeiras e dois vigilantes.

Sobre a organização do espaço físico da escola, o Projeto Político Pedagógico (PPP) destaca que: “A escola possui uma construção ampla e moderna. O pátio é amplo e tem uma pracinha de uso das crianças. No saguão têm cama elástica, piscina de bolinha, um playground para os bebês e o refeitório. Todas as salas de aula possuem acesso ao solário” (EMEI pesquisada, 2023, p.8). Conforme mostra a Figura 5:

Figura 5 - Saguão da escola



Fonte: Autora (2024)

O refeitório é aberto e fica no saguão. A estrutura conta com uma sala de serviços, onde há uma cozinha, uma lavanderia, salas para mantimentos e um lavabo para os funcionários (FIGURA 6).

Figura 6 - Refeitório



Fonte: Autora (2024)

Atualmente, a Instituição conta com mais dois espaços ambientados no saguão: uma cozinha de madeira e um espaço tipo camarim, com fantasias e acessórios, os quais podem ser utilizados por todas as turmas, como pode-se observar na Figura 7.

Figura 7 - Outros espaços do saguão



Fonte: Autora (2024)

Ainda quanto à infraestrutura, a escola possui oito salas, sendo duas adaptadas para berçário, duas para maternal I com banheiro, duas para maternal II, sendo que uma delas está sendo ocupada por uma turma de berçário II, e duas salas para a Pré-escola. Tem ainda sala para secretária, equipe diretiva, uma sala de informática, uma sala onde funciona o ateliê Aprendoteca, espaço

lúdico que desenvolve a interação e a vida prática, um banheiro masculino e outro feminino para professores e um banheiro feminino e masculino para as crianças. Ainda possui um banheiro feminino e masculino para cadeirantes.

No que se diz respeito ao espaço externo da Instituição, não foram encontradas outras informações no Projeto Político Pedagógico (Emei pesquisada, 2023). Ao conhecer, encontrei um espaço repleto de natureza, como por exemplo, árvores, plantas, areia, pedra, grama, pássaros e insetos. Abaixo, apresento os espaços externos da instituição pesquisada:

Figura 8 - Pátio da escola- brinquedos fixos e móveis



Fonte: Autora (2024)

Na figura 8 podemos visualizar os brinquedos fixos e móveis. E ainda, visualizar a grande área verde presente no pátio.

De um outro ponto de vista, ainda na área externa, encontramos um pergolado, balanços de pneu suspensos e uma árvore que podem ser observadas na Figura 9.

Figura 9 - Área externa vista de outro ângulo



Fonte: Autora (2024)

Na outra lateral do pátio, podemos visualizar pequenos arbustos, árvore, gramado e mudas (FIGURA 10).

Figura 10 - Arbustos e mudas



Fonte: Autora (2024)

Ao final, temos um espaço em construção chamado “O curioso por

natureza”, um túnel que em suas laterais têm plantações de mudas realizadas pelas turmas e dentro um caminho sensorial com várias texturas como pedras, argilas e troncos (FIGURA 11).

Figura 11 - Espaço “O curioso por natureza”



Fonte: Autora (2024)

Sobre o contexto socioeconômico das famílias, entende-se que a maioria das famílias são assalariadas, sendo que algumas possuem seu próprio negócio ou são autônomas. Conforme menciona o PPP “nossas famílias estão empregadas em todas as esferas do comércio do município de Osório, contemplando empregos registrados e autônomos”. A participação das famílias vem aumentando ao longo dos anos, estão interagindo e participando das propostas da escola.” (EMEI pesquisada, 2023, p. 8).

Sobre a relação entre escola e comunidade, o documento menciona que:

Prima por estratégias coletivas, nas quais as famílias da comunidade se propõem a participar para atenderem as necessidades da escola. As famílias da EMEI Leonel são muito participativas em todas as ações, assim como professores e funcionários que vestem a camiseta da instituição e fazem com que os direitos de aprendizagem das nossas

crianças sejam todos respeitados [...] (EMEI pesquisada, 2023, p.7).

Ao analisar o PPP (2023) da escola, entende-se que a instituição tem como norteadores do trabalho pedagógico a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Referencial Curricular Gaúcho (RCG).

Um dos objetivos destacados no documento é o de estabelecer uma linha pedagógica na qual o trabalho será permeado pelo Projeto Anual, levando em consideração o RCG e a BNCC. Consta também que o trabalho dos professores será norteado pelos projetos que tenham como duração o tempo necessário para a aprendizagem das crianças, de acordo com a necessidade de cada turma (EMEI pesquisada, 2023).

Sobre a concepção de Currículo o documento menciona o seguinte:

O Currículo da Educação Infantil — 4 meses a 5 anos — é centrado nos campos de experiências, o eu; o outro; e o nós, corpo; gestos e movimento, traços; sons; cores e formas, escuta; fala; pensamento e imaginação, espaços; tempos; quantidades; relações e transformações. Considerando sempre que na Educação Infantil as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças com foco nas interações e vivências e a brincadeira, assegurando-lhes sempre o direito de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se (EMEI pesquisada, 2023, p.18).

A avaliação é realizada pelas professoras, com contribuições das profissionais auxiliares na produção de portfólios e pareceres descritivos semestrais. Desenvolvem-se relatos, observações, fotos, trabalhos e registros das rotinas diárias, sem o objetivo de classificação, seleção ou promoção. De acordo com o documento, "é necessário que os docentes façam o registro de cada criança em sala de aula, esses registros podem ser escritos, fotografados, enfim devem acontecer para mais tarde poder fazer parte da construção da avaliação de cada aluno" (EMEI pesquisada, 2023, p.20).

Contextualizada a instituição, na sequência apresento a seção que tratará sobre os sujeitos que participaram da pesquisa.

4.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na turma de pré-escola. Para a geração dos dados, foram entrevistadas a coordenadora pedagógica da escola e a professora titular da turma. Sobre a coordenadora pedagógica: tem 46 anos, possui

formação em licenciatura em Pedagogia e pós-graduação em Gestão Escolar, está atuando na coordenação da escola há um ano. Já a professora titular, em sua formação contempla: Magistério, Educação Especial Inclusiva, Licenciatura em Educação Física e Pós-graduação em Neuropsicopedagogia, o tempo de atuação na área de Educação Infantil é de 22 anos (Entrevistas, junho, 2024).

Além das entrevistas, foi realizada observação participante na turma pré I D, composta por nove crianças, a maioria delas tendo sua primeira experiência escolar. Com idades entre quatro e cinco anos, as crianças demonstraram um claro interesse por propostas ao ar livre. Ao chegarem na escola, elas deixavam suas mochilas e imediatamente perguntavam se poderiam brincar fora naquele dia, algumas delas observavam pela janela para verificar se o tempo estava adequado para brincar ao ar livre.

A jornada diária da turma organiza-se da seguinte forma: ao chegar as crianças são acolhidas pela professora titular na sala referência.

Posteriormente se encaminham ao refeitório para o café da manhã e, ao terminar, se dirigem ao banheiro para o momento da higiene. A partir desse momento, voltam à sala referência, onde acontecem os momentos da realização das propostas pedagógicas, incluindo brincadeiras livres e a proposta do dia, depois é o momento da pracinha, seguido do almoço e, se quiserem, ao terminar podem voltar para o espaço externo. Esta é a jornada diária da turma pela manhã, turno em que observei.

Em relação ao uso do espaço externo, durante os nove dias de observações, as crianças frequentaram seis dias o espaço externo. Isso devido as condições climáticas.

É relevante informar que os responsáveis pelas crianças foram informados sobre a realização desta pesquisa e assinaram o termo de autorização de uso de imagem (ANEXO 2). Com relação às crianças, logo que cheguei para o primeiro dia de observação, fiz uma breve apresentação sobre minha presença na turma e expliquei que passaria alguns dias com elas, e sobre o que estaria pesquisando. Durante esse momento inicial, as crianças demonstraram entusiasmo, verbalizando sua aceitação. Essa concordância verbal inicial foi crucial para estabelecer uma relação de confiança e permitir uma integração fluida durante o período de observação, em que procurei zelar pelo bem-estar das crianças e respeitar seus processos e singularidades.

Ao longo da pesquisa e nas observações realizadas, é crucial reconhecer e respeitar a autonomia e a dignidade dos jovens participantes.

A imprevisibilidade inerente às interações com crianças requer uma abordagem flexível e sensível por parte dos pesquisadores. É essencial não apenas obter o consentimento formal dos responsáveis legais, mas também buscar continuamente o assentimento das próprias crianças, assegurando que elas se sintam confortáveis e respeitadas durante todo o processo. Essa postura ética permite que a pesquisa seja conduzida de maneira mais humanizada, valorizando a voz e a perspectiva das crianças e garantindo que suas experiências sejam integralmente consideradas e respeitadas. (Fernandes, 2016).

5 ANÁLISE DE DADOS

No âmbito da Educação Infantil, a BNCC (BRASIL, 2018) propõe uma organização curricular que visa assegurar os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento para as crianças, em um arranjo curricular que prevê cinco campos de experiências. Esta pesquisa buscou compreender como as experiências das crianças no espaço externo relacionam-se com a Base Nacional Comum Curricular para Educação Infantil.

Após as observações em uma turma de pré-escola e entrevistas com a coordenadora e professora titular, foi realizada a análise dos dados, a partir da triangulação de dados (APÊNDICE C). Dessa forma, procurei relacionar o que percebia nas imagens capturadas durante as observações, com os registros detalhados no diário de campo e as leituras teóricas e a revisão de literatura.

Assim, chegou-se em dois eixos de análise, que serão apresentados: o primeiro sobre os direitos de aprendizagem e desenvolvimento; e o segundo sobre os campos de experiências da BNCC no espaço externo.

5.1 DIREITOS DE APRENDIZAGEM NO ESPAÇO EXTERNO

[...] os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento asseguram, na Educação Infantil, as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural (BRASIL, 2017, p. 37).

A BNCC estabelece seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento para Educação Infantil: Conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

Esta seção apresenta reflexões acerca de como os direitos de aprendizagem da BNCC são vivenciados pelas crianças do grupo do Pré ID no espaço externo. Optou-se por apresentar as análises evidenciando dois direitos por vez, buscando compartilhar situações em que estavam sendo privilegiados. Todavia ressalta-se que essa escolha foi feita apenas para melhor organização deste relatório de pesquisa, uma vez que os direitos não são vividos de forma isolada.

5.1.1 Conviver com outras turmas e participar do coletivo

Um dos direitos de aprendizagem fundamentais para a Educação Infantil, segundo a BNCC, é o direito de conviver. Este direito enfatiza a importância das crianças interagirem com outras crianças e adultos em diversos contextos, tanto em pequenos quanto em grandes grupos. Através dessas interações, as crianças utilizam diferentes linguagens e ampliam seu conhecimento sobre si mesmas e sobre os outros, aprendendo a respeitar a diversidade cultural e as diferenças individuais.

Um exemplo desse direito foi observado durante a “festa” realizada pelo Pré I A, que parte de um projeto sobre os sentimentos. Nesta ocasião, as crianças da outra turma expressaram o desejo de convidar a turma do Pré I D para participar da festa. Essa iniciativa partiu das próprias crianças, demonstrando sua capacidade de tomar decisões e de querer compartilhar momentos significativos com seus pares. Durante a festa, as crianças das duas turmas dançaram, comeram e brincaram juntas, promovendo um ambiente de alegria e cooperação. Este evento foi uma clara manifestação do direito de conviver, pois proporcionou um espaço em que as crianças puderam interagir, criar laços e aprender umas com as outras.

Figura 12 - Festa dos sentimentos: Pré I A e Pré I D em Movimento



Fonte: Autora (2024)

Embora esse episódio tenha acontecido no espaço interno, há relação com o que acontece no pátio, pois é nele que ocorrem os encontros entre os grupos frequentemente. Esses momentos cotidianos são fundamentais para fortalecer os vínculos entre as crianças e criar um sentido de comunidade, o que levou uma turma a querer convidar a outra para a “festa”.

Assim, é importante destacar que é no espaço externo que, geralmente, as crianças de diferentes turmas têm mais oportunidades diárias de conviver. No contexto pesquisado, percebeu-se isso especialmente no pátio e durante o almoço no saguão da escola.

Durante as observações realizadas, verificou-se que, na convivência diária entre as turmas Pré I D e Pré I A, as crianças compartilham conversas, descobrem coisas juntas e se ajudam, o que acontece também com crianças de outros agrupamentos. Um episódio particularmente marcante envolveu uma criança do Pré I ajudando um colega do Maternal a subir as escadas da casa de madeira. A criança do Pré I percebeu a dificuldade da mais nova e, prontamente, ofereceu auxílio, segurando sua mão e caminhando ao lado dela até que chegassem ao topo, após passaram o restante da manhã juntas. Este gesto de cuidado não só facilitou a tarefa da criança menor, mas também reforçou os laços de confiança e cooperação entre as crianças.

Figura 13 - Cuidado e Companhia: Uma Manhã de Apoio e Diversão



Fonte: Autora (2024)

Além desses momentos espontâneos, é comum a prática da professora levar os alunos do Pré I D para interagir com as crianças do Maternal no pátio, conforme observado. As relações entre pares, sejam de idades próximas ou diferentes, são extremamente valiosas para o aprendizado das crianças. Isso se deve principalmente à falta de controle, que lhes proporciona liberdade para criar e modificar suas próprias regras durante as brincadeiras, o que é potencializado no pátio. Além disso, essas interações permitem negociações ativas, incentivam a exploração e a imaginação sem a pressão de alcançar objetivos imediatos, o que ajuda a desenvolver a capacidade de resolver imprevistos a longo prazo. Outro aspecto importante é que, nessas relações, as crianças desempenham papéis que os adultos raramente consideram (Rogoff, 1993 apud Castelli 2016, p. 12)

Essas interações frequentes não apenas facilitam a integração entre diferentes faixas etárias, mas também criam um ambiente inclusivo onde as crianças mais velhas exercem papéis de apoio para os mais novos. Durante essas sessões, as crianças brincam juntas, compartilham brinquedos e participam de atividades coletivas, promovendo um ambiente de aprendizado colaborativo.

O que mais chama atenção nesses acontecimentos é a naturalidade com que as crianças se envolvem em ações de apoio e colaboração. Elas não apenas compartilham o espaço físico, mas também constroem um espaço afetivo onde a ajuda mútua e o respeito são constantes. Essas experiências são fundamentais para o desenvolvimento socioemocional das crianças, pois promovem habilidades de comunicação, empatia e resolução de problemas de forma prática e cotidiana.

Outro evento significativo foi o teatro apresentado pela turma Pré I D na área externa da escola. Este evento proporcionou uma valiosa integração entre diferentes turmas, incluindo bebês e crianças bem pequenas. A apresentação teatral ocorreu concomitantemente à inauguração do espaço “Curioso por Natureza”, um novo ambiente que conta com uma trilha sensorial e canteiros ao redor para incentivar a curiosidade e o aprendizado das crianças. Durante a entrevista realizada com a Coordenadora sobre a reorganização do espaço externo, ela afirmou: “Pensando em viabilizar e propor ações para este

desemparedar e contato com a natureza, a equipe diretiva (secretária, direção e supervisão, com auxílio de amigos da escola), está montando o espaço “*Curioso por natureza*”, um lugar potente para investigação e pesquisa a céu aberto, com mesa, bancos, varal, túnel verde com caminho sensorial e canteiro para plantio a livre escolha das turmas [...]” (Entrevista Coordenadora, 2024).

Sendo assim, a proposta coletiva do teatro teve grande relevância, pois promoveu a interação entre as crianças de diferentes idades, oferecendo uma oportunidade para que todas participassem de um evento significativo e envolvente. As crianças mais velhas, ao se apresentarem, desenvolveram habilidades de comunicação, expressão corporal e autoconfiança, enquanto as crianças mais novas, ao assistirem, foram expostas a novas formas de expressão artística.

A inauguração do espaço “Curioso por Natureza” marcou o início de uma nova fase de aprendizagem ao ar livre. A trilha sensorial e os canteiros proporcionam diversas oportunidades para que as crianças explorem diferentes texturas, aromas e cores. Este espaço foi cuidadosamente pensado para incentivar a exploração, a descoberta e o respeito pela natureza.

Figura 14 - Inauguração do espaço “Curioso por Natureza”



Fonte: Autora (2024)

Com isso, a inclusão das crianças do berçário na ocasião foi

particularmente importante. Garantir encontros entre crianças mais velhas e bebês no dia a dia, e não apenas de forma periódica, é crucial para fomentar um ambiente de aprendizado colaborativo e inclusivo, onde os mais novos podem se sentir seguros ao observar e interagir com os mais velhos, e vice-versa.

Nesse sentido, Carolina Castelli e Ana Delgado (2015) contribuem para minha reflexão quando falam que:

Temos restringido muito, em todos os contextos, o convívio de bebês a adultos e a outros bebês – mesmo que bebês e crianças mais velhas demonstrem interesse em estar juntos. Na escola infantil, pouco permitimos experiências fora das salas dos berçários e com crianças mais velhas. Esses momentos são um direito de todas as crianças (Castelli; Delgado, 2015, p. 15).

Esses encontros permitem que os mais novos observem e aprendam com os mais velhos, enquanto os mais velhos desenvolvem empatia, responsabilidade e habilidades de cuidado ao interagir com os mais jovens. As crianças maiores aprendem a ser mais pacientes, compreensivas e cuidadosas, por outro lado, os menores se beneficiam ao observar e imitar as ações dos mais velhos, o que acelera seu aprendizado e desenvolvimento (Castelli, Delgado, 2015)

Figura 15 - Teatro e Convivência: Integração do Berçário com outras Turmas



Fonte: Autora (2024)

Momentos assim, significam garantir que os bebês possam participar do que acontece na instituição quando apropriado, inclusive no espaço externo, sempre resguardando as suas especificidades. Dessa forma, esse episódio também relaciona-se ao direito de participar, estabelecido pela BNCC (BRASIL, 2018).

Como mencionado anteriormente, esse espaço foi pensado pelas crianças e para as crianças. Em relação a isso, na entrevista, a Coordenadora da escola fala que: “A EMEI, busca possibilitar vivências significativas no ambiente escolar, com sensibilidade e amorosidade, a partir de uma escuta atenta ao observar os movimentos e falas das crianças, ao ar livre, no contato com a natureza, seus elementos e nuances.” (Entrevista Coordenadora, 2024).

No dia da inauguração, elas interagiram com a trilha sensorial, experimentaram os diferentes canteiros, essa experiência não só reforçou o valor de suas contribuições, mas também promoveu um sentimento de pertencimento e de responsabilidade em relação ao ambiente.

Portanto, esse evento destacou a importância de permitir que as crianças façam parte das decisões que afetam seu cotidiano escolar. Ao serem envolvidas desde o início, aprendem que suas opiniões e escolhas são valorizadas.

Além disso, a inauguração de “O Curioso por Natureza” demonstrou como a participação das crianças pode resultar em espaços que realmente atendem às suas necessidades e interesses, tornando a experiência educacional mais significativa.

Figura 16 - Crianças inaugurando o espaço “Curioso por natureza”



Fonte: Autora (2024)

Este direito envolve a interação das crianças com adultos e outras crianças no planejamento e na gestão das atividades escolares. As crianças não apenas participam das atividades propostas pelos educadores, mas também têm voz na realização das atividades cotidianas, como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes. Esse envolvimento ativo é crucial para desenvolver diferentes linguagens, elaborar conhecimentos, tomar decisões e se posicionar.

5.1.2 *Brincar livre e conhecer-se em meio à natureza*

Após abordar o direito de conviver e participar, é essencial destacar o direito de brincar, conforme estabelecido pela BNCC. Este direito assegura que as crianças possam brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, e com diferentes parceiros, sejam eles crianças ou adultos (BRASIL, 2018). O brincar é um direito fundamental que amplia e diversifica o acesso das crianças a produções culturais, enriquece seus conhecimentos e estimula a imaginação e a criatividade.

Participar de diferentes brincadeiras permite que as crianças explorem o mundo ao seu redor, desenvolvam habilidades variadas e aprendam a se expressar de formas múltiplas. Assim, garantir o direito de brincar implica criar

ambientes que incentivem a exploração, a curiosidade e a criatividade, com espaços diversificados e ricos em estímulos sensoriais.

Dando continuidade à reflexão, foi possível notar como as crianças participantes da pesquisa exercem esse direito no espaço exterior ao brincar de escalar, subir e se esconder na árvore em diferentes dias. Essas ações iniciadas por elas revelam uma profunda conexão entre o corpo das crianças e a natureza, permitindo que explorem seus limites físicos e desenvolvam uma relação íntima com o ambiente natural. A diferença entre risco e desafio é uma questão central aqui; enquanto o risco envolve perigo, o desafio proporciona uma oportunidade de crescimento e aprendizado.

As crianças aprendem a estar e agir na natureza, enfrentando desafios singulares quando estão no ambiente externo, em contato com os troncos e as árvores, que oferecem oportunidades únicas para brincar. Para refletir sobre isso, busco apoio teórico nos estudos realizados por Haddad e Horn (2013), que nos alertam:

A segurança dos pátios não pode tirar o desafio que se impõe nesses locais, como tampouco o desafio deve oferecer perigo às crianças. Com certeza, a segurança deve estar garantida, mas com ela o compromisso de despertar nas crianças o amor e a paixão pela vida ao ar livre e de viver a magia que isso representa, já que esta é a chave de toda aprendizagem (Haddad; Horn, 2013, p. 03).

Compreendo em minhas análises o quanto as professoras valorizam a importância de equilibrar a segurança dos pátios escolares com a necessidade de proporcionar desafios adequados no contexto pesquisado. Reconhecendo que, embora a segurança deva ser assegurada, é igualmente crucial incentivar nas crianças o entusiasmo por propostas ao ar livre, permitindo que vivenciem essas experiências. As cenas abaixo ilustram a possibilidade de as crianças subirem na árvore, se pendurarem, agarrarem, brincarem, entre outras ações.

Figura 17 - Aventuras no Pátio: Escalada e Brincadeiras



Fonte: Autora (2024)

Esses elementos naturais, como a árvore, fomentam a brincadeira compartilhada e convidam as crianças a brincar com o corpo, a movimentá-lo e ter gestos, permitindo aprendizagens corporais que não acontecem da mesma forma em espaços internos ou situações programadas. A interação com a natureza promove não apenas o desenvolvimento físico, mas também uma compreensão mais profunda do mundo natural, cultivando respeito e admiração pelo meio ambiente. No pátio, as crianças descobrem como se movimentar em terrenos irregulares, como escalar árvores e como se esconder entre a vegetação, habilidades que são menos acessíveis em ambientes estruturados.

Além disso, o brincar ao ar livre em espaços exteriores é de grande relevância para as culturas infantis. As culturas infantis (Corsaro, 2003) são compostas pelas práticas, linguagens, símbolos e valores que as crianças criam e compartilham entre si. Ao brincar na natureza, as crianças constroem e reforçam suas próprias culturas. Elas inventam jogos, criam narrativas e estabelecem regras próprias, enriquecendo sua experiência coletiva e individual.

Entre as diversas brincadeiras que ocorreram no espaço ao ar livre durante a pesquisa, uma delas foi o Pique-esconde. Durante essa brincadeira, as crianças demonstraram um engajamento vibrante, não apenas correndo para esconder-se ou encontrar seus amigos, mas também negociando ativamente as regras do jogo. Em um momento específico, ouvi as crianças discutindo entre si

sobre as regras estabelecidas: "não valeu, você tem que bater na parede quando acha", "agora é a sua vez de contar", e "não é só correr, se não ia ser pega-pega" (Diário de campo, junho, 2024).

Figura 18 - Pique-esconde: Sequência de imagens



Fonte: Autora (2024)

Essas interações revelam não apenas a compreensão das estruturas do jogo, mas também a habilidade de cooperar e resolver conflitos de maneira autônoma. A reprodução interpretativa e a cultura de pares foram claramente observadas durante o Pique-esconde. As crianças não apenas seguiram as regras pré-estabelecidas, mas também as modificaram conforme necessário para garantir que todos os participantes se divertissem, reproduzindo criativamente (Corsaro, 2003).

Corsaro (2003; 2009; 2011) também propõe o conceito de culturas de pares para reconhecer o papel ativo das crianças na formação de suas interações com outras crianças, com adultos e com o ambiente, tanto material quanto simbólico, em que se encontram. Ele caracteriza as culturas infantis como “[...] um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores que as crianças produzem e compartilham com as demais” (Corsaro, 2011, p.128).

Nesse sentido, é importante ressaltar a significância dos materiais não fixos no pátio para fomentar essas brincadeiras e a construção das culturas

infantis. Elementos como árvores, troncos, arbustos e espaços abertos oferecem às crianças oportunidades únicas para explorar, criar e adaptar seu ambiente de jogo. Assim como a tampa da caixa de areia, que é utilizada pelas crianças como esconderijo na brincadeira do pique-esconde, conforme mostram as imagens acima (Figura 17). Como amparo teórico trago a citação de Barros:

A reflexão sobre o desemparedamento das crianças também passa pela escolha dos materiais que oferecemos a elas, pois quando ampliamos o repertório de elementos e recursos para o brincar e o aprender - no sentido sensorial e motor -, ampliamos também as possibilidades de imaginação, criação, aprendizado e movimento (Barros, 2018, p. 76).

Assim, acredito que, no espaço externo, a diversidade de paisagens e materiais permite que as crianças imaginem novas formas de brincar e se relacionem com os recursos de maneiras inovadoras. Quando expostas a uma variedade de elementos naturais e não fixos, as crianças não só exploram suas capacidades sensoriais e motoras, mas também desenvolvem a criatividade ao encontrar diferentes usos para os materiais disponíveis. Essa liberdade de experimentação e reinterpretação dos recursos promove um aprendizado mais dinâmico e abrangente, onde o movimento, a imaginação e a descoberta são incentivadas continuamente.

Uma vez que o pátio é contexto privilegiado para o brincar, e que há um equívoco que despreza a brincadeira e coloca em segundo plano a ida ao espaço externo (Kishimoto, 2010), convém reafirmar que, para a criança, o ato de brincar é essencial porque:

[...] dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimento e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar. Ao brincar a criança experimenta o poder de criar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. **Enfim sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver** (Kishimoto, 2010, p. 01, grifo nosso).

Durante as observações, um momento de grande criatividade e

imaginação foi registrado enquanto as crianças brincavam com areia. Duas delas imaginaram que estavam alimentando peixes, utilizando punhados de areia como se fossem comidas. Essa representação simbólica não apenas demonstra a capacidade das crianças de criar e inventar histórias, mas também revela como elas incorporam elementos da natureza em suas brincadeiras.

Figura 19 - Brincadeiras ao Ar Livre: Alimentando os peixes



Fonte: Autora (2024)

Essa brincadeira destaca como experiências simples e naturais como brincar com areia podem proporcionar um ambiente rico e envolvente para o desenvolvimento infantil. É através delas que as crianças aprendem sobre o mundo ao seu redor, experimentam diferentes emoções, desenvolvem-se integralmente.

Também é interessante observar como as crianças brincam com suas próprias sombras durante os momentos ao ar livre.

Figura 20 - Brincando com a sombra - Sequência de imagens



Fonte: Autora (2024)

Além de observarem suas sombras projetadas no chão ou em superfícies próximas, também interagem ativamente com elas. Muitas vezes, as crianças faziam movimentos para verem como suas sombras respondem, corriam atrás delas ou tentavam capturá-las, o que revela uma curiosidade natural e um desejo de explorar as propriedades da sombra com a luz natural do pátio.

Dando continuidade à reflexão, essa brincadeira com a luz e sombra conecta-se diretamente com outro direito de aprendizagem da BNCC: **conhecer-se**. Este direito se manifesta nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas tanto na instituição escolar quanto no contexto familiar e comunitário. Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural é essencial para o desenvolvimento integral das crianças, conforme preconiza a Base (BRASIL, 2018). Um exemplo concreto desse direito é observado quando as crianças brincam em grupo, o que se pode perceber nos episódios apresentados acima.

Durante essas brincadeiras, elas têm a oportunidade de desenvolver habilidades sociais significativas e de construir laços de amizade e pertencimento. Ao interagirem umas com as outras, as crianças aprendem a negociar, a resolver conflitos, a compartilhar ideias e a trabalhar em equipe.

Abaixo outros registros de momentos de encontros no pátio:

Figura 21 - Integração e aprendizado



Fonte: Autora (2024)

Nessas experiências elas aprendem sobre suas próprias preferências, habilidades e limitações, ao mesmo tempo em que são expostas a diferentes perspectivas e experiências de seus pares. Isso contribui para uma compreensão mais ampla do mundo ao seu redor e fortalece sua capacidade de se relacionar de maneira respeitosa e empática com os outros.

Portanto, brincar e conhecer-se são direitos que abrangem a construção de identidades pessoais e sociais através das interações com seus pares na escola e em seu ambiente mais amplo. Quando acontecem no espaço exterior, favorecem a construção das culturas infantis em meio à natureza.

5.1.3 Explorar espaços ao ar livre e expressar descobertas

Outro direito de aprendizagem, conforme a BNCC, é o direito de **explorar**: movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades, como as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia (BRASIL, 2018)

Durante as observações na escola, percebi que as crianças

cotidianamente exploram o espaço do pátio, suas cores, cheiros, formas, desníveis no chão etc. Para análise, escolhi uma das propostas da professora, na qual ela convidou as crianças para realizarem uma caminhada pelo espaço externo.

Hoje, realizamos uma caminhada pelo pátio da escola, com o objetivo de explorar e descobrir os “tesouros da natureza”. As crianças estavam empolgadas e demonstravam um olhar atento e curioso durante todo o percurso. Ao caminhar ao redor, foram incentivadas a observar, cheirar e ouvir os elementos do ambiente natural.

Durante a caminhada, as crianças encontraram uma variedade de “tesouros”. Borboletas, formigas e diversos pássaros que cantavam nas árvores, tocavam em diferentes tipos de folhas e gravetos, sentindo suas texturas e observando suas cores (Diário de campo, junho, 2024).

O que percebo nesse acontecimento é uma rica oportunidade de aprendizagem sobre si, o outro e o mundo que a caminhada pelo espaço externo proporcionou às crianças. A empolgação e o olhar atento demonstrados pelas crianças indicam um engajamento profundo e uma conexão genuína com a natureza. Barros (2018) afirma que as crianças têm o direito de experimentar, aprender, brincar, explorar, se esconder e se encantar com a - e na - natureza, e que os esforços para que isso de fato aconteça devem ser de responsabilidade dos diferentes setores da nossa sociedade, incluindo as escolas e os que dela fazem parte.

A caminhada coletiva permitiu que as crianças utilizassem todos os seus sentidos para explorar o ambiente: observaram a diversidade de vida ao seu redor, como borboletas, formigas; tocaram e sentiram diferentes texturas de folhas e gravetos; ouviram os sons da natureza como os pássaros cantando nas árvores e cheiraram o aroma do ambiente natural.

Dessa forma, Tiriba (2005) destaca a importância do vínculo das crianças com a natureza, afirmando que é através da interação e convivência com o ambiente natural que elas desenvolverão o amor e, conseqüentemente, o desejo de protegê-lo.

[...] ninguém será capaz de amar o que não conhece; ninguém será capaz de preservar uma natureza com a qual não convive. Por isto, precisamos realizar uma aproximação física, estabelecendo relações cotidianas como sol, com a água, com a terra, fazendo com que sejam elementos sempre presentes, chão, pano de fundo, matéria prima para a maior parte das atividades (Tiriba, 2005, p. 14).

Figura 22 - Procurando os “tesouros da natureza”



Fonte: Autora (2024)

Dois dias depois, as crianças realizaram mais uma caminhada, mas para além dos muros da escola: na Vila Olímpica, explorando elementos da natureza fora da instituição. Durante essa prática, as crianças perceberam as diferentes formas, tamanhos e cores das folhas, troncos e gravetos, além de observar formigas em seu habitat natural.

Esse segundo momento, na Vila Olímpica, proporcionou uma expansão dos percursos de aprendizagem, permitindo que as crianças observassem e explorassem os elementos naturais em diferentes contextos. Ao observar outras plantas, percorrer outros desníveis no chão, perceber variações nas folhas, troncos e gravetos, e notar a presença de formigas, as crianças puderam ampliar e aprofundar seu entendimento sobre a diversidade do mundo natural. Assim, a mudança de ambiente enriqueceu a experiência das crianças, trazendo novas descobertas e percepções.

Assim que chegamos, as crianças se encantaram com a variedade de pássaros que cantavam e voavam ao redor. No chão, uma infinidade de folhas caídas chamou a atenção das crianças. Elas rapidamente perceberam as variações de cores, tamanhos, tamanho e formato, e comparavam a espessura e textura dos gravetos espalhados pelo chão. Durante a exploração, também observamos as formigas carregando folhas (Diário de campo, junho, 2024).

Figura 23 - Explorando a Vila Olímpica



Fonte: Autora (2024)

Realizar a caminhada em um local diferente, fora da escola, também reforçou a importância da observação contínua e da curiosidade, incentivando as crianças a perceberem os detalhes e a reconhecerem as semelhanças e diferenças entre os ambientes, que vai ao encontro do que é tão defendido por Tiriba que afirma que: “Além de se constituírem como espaços de brincar livremente e relaxar, esses lugares podem também ser explorados como ambiente de ouvir histórias, desenhar e pintar, espaços de aprendizagem, em que se trabalha uma diversidade de conhecimentos” (Tiriba, 2010, p. 7).

Desta forma, é importante garantir que as crianças se sintam seguras e encorajadas a explorar, descobrir e comunicar suas ideias e sentimentos. Com relação a isso, nos pátios, é essencial que o planejamento não seja fechado e rígido, mas sim flexível e adaptável às necessidades e interesses das crianças.

No que se refere ao direito de **expressar**, conforme a BNCC, este envolve incentivar as crianças a manifestarem suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões e questionamentos por meio de diferentes linguagens (BRASIL, 2018). Nas caminhadas descritas, as crianças iam explorando o espaço e seus elementos e expressando curiosidades, comentários, emoções, sentimentos.

Quer dizer que na vida cotidiana da escola as crianças expressam o que sentem, pensam e vivem, e é preciso que adultos saibam escutá-las. Assim, não há necessidade de prever momentos específicos dirigidos para que se expressem. Na volta para a sala, as crianças seguiram conversando e expressando suas dúvidas, refletindo sobre o que é e o que não é da natureza. Este momento de questionamento espontâneo mostrou a curiosidade natural das crianças e a necessidade de entenderem o mundo ao seu redor. Elas trouxeram diversos itens coletados e perguntavam à professora sobre a origem de cada um, refletindo seu desejo de distinguir entre elementos naturais e artificiais.

A professora, em resposta às suas dúvidas, explicou que alguns itens, embora não pareçam naturais à primeira vista, como por exemplo um cabo de vassoura, são feitos a partir de recursos naturais.

Ao retornar para a sala referência, organizamos uma pequena exposição com tudo o que foi encontrado. Elas mostravam com orgulho suas descobertas: pedras, folhas, gravetos... A professora aproveitou o momento para explicar a diferença entre os elementos naturais e aqueles que são feitos a partir da natureza (Diário de campo, junho, 2024).

Figura 24 - É ou não é da natureza?



Fonte: Autora (2024)

Durante essa discussão, as crianças também expressaram suas

hipóteses e descobertas, comentando, por exemplo, que folhas e pedras são parte da natureza, enquanto brinquedos de plástico não são. Esse diálogo evidencia a escuta das crianças, o que pensam, sentem, imaginam e, por consequência, da importância de um ambiente educativo que valoriza e incentiva a expressão das crianças, o compartilhamento de ideias, as conversas entre elas.

Um exemplo claro desse direito na prática é a escolha das brincadeiras. As crianças têm a liberdade de decidir como querem brincar, sem a direção constante dos adultos. Elas escolhem os ambientes onde desejam realizar suas atividades, aproveitando ao máximo o espaço amplo disponível. Esse ambiente inclusivo e não restritivo permite que as crianças explorem livremente e façam escolhas significativas que atendam às suas necessidades e interesses individuais.

Segundo Tiriba (2018, p.40):

As crianças têm verdadeiro fascínio pelos espaços externos porque eles são o lugar da liberdade” onde as vivências têm fruição, onde o adulto não controla seus corpos e o desenvolvimento integral é a prioridade, e não apenas o desenvolvimento das capacidades intelectuais.

O espaço externo da Instituição é organizado de maneira a oferecer diversas possibilidades, com áreas específicas para diferentes tipos de brincadeiras e propostas e de não centralizar o adulto, permitindo que as crianças escolham suas brincadeiras e práticas, podendo escolher se desejam brincar na areia, correr no gramado, explorar a trilha sensorial ou interagir com os canteiros ao redor, essa organização incentiva a imaginação e a criatividade, utilizando os espaços e brinquedos disponíveis para os pequenos. Nesse sentido:

É fundamental ouvir as crianças por meio de suas diversas linguagens, afinal são elas que vão de fato habitar o espaço escolar. Perguntar e sobretudo observar onde, como, quando, com quem e com que materiais elas brincam levará a muitas pistas de como o espaço pode ser melhor aproveitado. As crianças podem (e desejam!) contribuir com a transformação ou desenho dos espaços escolares. Para isso, precisamos reconhecer e escutar suas outras formas de expressão que vão muito além da palavra, como os gestos, os grafismos, o brincar e também as narrativas orais e escritas (Tiriba, Barros, 2018, p.40).

Ao permitir que as crianças façam essas escolhas, a escola promove um ambiente de aprendizagem onde elas se sentem valorizadas e respeitadas. Essa abordagem participativa contribui para o desenvolvimento de uma identidade positiva e de competências essenciais para a vida, como a tomada de decisão, a resolução de problemas e a capacidade de trabalhar em grupo.

Todavia, é importante salientar que a expressão é muito mais potente quando ela não está em uma situação dirigida. O espaço externo é esse momento em que as crianças se expressam e exploram. É um espaço em que os adultos não planejam cada proposta, permitindo que as crianças sejam protagonistas de suas próprias experiências, desenvolvendo habilidades e descobrindo o mundo ao seu redor de maneira natural e espontânea.

As interações entre as crianças, a liberdade para explorar o ambiente, a participação nas decisões e a expressão criativa são elementos observados e documentados, evidenciando que o espaço externo é fundamental para o desenvolvimento das crianças e para a concretização dos direitos de aprendizagem estabelecidos pela BNCC.

Nessa investigação, verificou-se que os direitos de aprendizagem estão presentes diariamente no espaço externo. Observou-se que as crianças têm potencializadas suas oportunidades de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se de maneira ativa e envolvente ao ar livre. O espaço externo se revela como um ambiente onde cada um dos direitos é vivenciado de forma natural e integrada à natureza. Vejamos abaixo como essas experiências se relacionam com o arranjo curricular da BNCC.

5.2 ENTRE COGUMELOS E FORMIGAS: INTEGRAÇÃO DOS CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS NO ESPAÇO EXTERNO

No contexto da educação infantil, a integração dos campos de experiências no espaço externo desempenha um papel crucial. Embora os direitos de aprendizagem também possam ser identificados nesse ambiente, a análise focará predominantemente nos campos de experiências. Esta abordagem busca investigar como atividades ao ar livre, como a observação de cogumelos e formigas, podem enriquecer o aprendizado das crianças, promovendo tanto a curiosidade científica quanto a colaboração social. A interação com a natureza

não só amplia o conhecimento das crianças sobre o mundo natural, mas também desenvolve habilidades importantes, como a resolução de problemas, a comunicação e a empatia.

Sendo assim, ao que se refere aos campos de experiência, a pesquisa buscou analisar a relação entre o que acontece no pátio e os campos de experiência da BNCC.

Durante este estudo, compreendi que a Educação Infantil tem um papel fundamental com relação à curiosidade das crianças e sua relação com a natureza, e que essas experiências acontecem em um arranjo curricular articulado. Esta seção aborda essas questões, com reflexões tecidas a partir de um episódio específico ocorrido durante a pesquisa no espaço externo.

Venho percebendo que o ambiente externo proporciona um ambiente rico para as crianças se ajudem, façam descobertas e interajam com o meio ambiente de maneira espontânea e lúdica. Logo no início, quando chegamos no pátio, um grupo de crianças encontrou pequenos cogumelos escondidos entre as folhas. Encantadas com a descoberta, elas rapidamente chamaram outros colegas para ver, promovendo um momento de cooperação e troca de conhecimento (Diário de campo, junho, 2024).

Nos últimos anos, tem-se observado um crescente reconhecimento da importância do ambiente externo como um espaço educativo valioso para o desenvolvimento infantil. Este ambiente proporciona oportunidades únicas para as crianças explorarem, interagirem e aprenderem de maneira espontânea e lúdica, promovendo não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também social, emocional e físico. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) enfatiza a necessidade de integrar experiências significativas e contextuais ao processo educacional, reconhecendo que o ambiente externo oferece um cenário propício para a construção de conhecimento através da interação com o meio ambiente natural e social.

Sendo assim, observei um trio de crianças explorando o espaço externo durante a pracinha. No decorrer da exploração, elas avistaram cogumelos embaixo de uma árvore. A descoberta despertou sua curiosidade, levando-as a examinar os cogumelos de perto e, posteriormente, a chamar outros colegas para investigar se havia mais cogumelos espalhados pelo espaço.

Figura 25 - Descoberta dos cogumelos na pracinha



Fonte: Autora (2024)

Esse episódio investigativo levou o grupo de crianças a percorrer diferentes áreas da pracinha, promovendo uma interação ativa com o ambiente natural. Embora não tenham encontrado outros cogumelos, as crianças descobriram um formigueiro grande. A observação do formigueiro desencadeou uma série de suposições e discussões entre as crianças. As crianças imaginaram que algo especial estava acontecendo no formigueiro, o que explicaria o fato de haver tantas formigas reunidas. Outras crianças especularam que talvez alguém estivesse de aniversário e que essa formiga tinha muitos amigos; supondo que a maior das formigas deveria ser a "mãe", já que as mães são geralmente mais fortes.

Começaram a explorar a procura de outros cogumelos e acharam um formigueiro, intrigados, comentavam “Olha aqui, está cheio de formiga”, “parece sementinhas pretas”, “A maior deve ser a mãe”, “Com certeza está acontecendo algo importante, tem um monte de formiga”. “Acho que é o aniversário de algumas delas” (Diário de campo, junho, 2024).

Figura 26 - Observando o formigueiro



Fonte: Autora (2024)

Após a observação do formigueiro, as crianças prosseguiram sua exploração no entorno, dedicando a investigar e descobrir mais sobre o ambiente ao redor. Esse engajamento prolongado demonstra não apenas um interesse genuíno das crianças pela natureza, mas também sua capacidade de se envolver em contextos de aprendizagem ativa e investigativa.

FIGURA 27 - EXPLORANDO A PRACINHA



Fonte: Autora (2024)

Este episódio revela várias facetas importantes sobre as crianças e seus

percursos de aprendizagem. Primeiro, ele destaca a curiosidade das crianças e sua capacidade de fazer perguntas e buscar respostas sobre o mundo ao seu redor. A descoberta dos cogumelos e o subsequente interesse pelo formigueiro ilustram como o ambiente pode servir como um rico contexto para o aprendizado e a investigação, de forma significativa e contextualizada.

As vivências das crianças são temporalmente envolventes, pois proporcionam oportunidades contínuas de interação e descoberta no ambiente natural. É crucial que as crianças frequentem regularmente espaços como o pátio escolar, onde podem desenvolver habilidades de observação e investigação ao acompanhar mudanças sutis e significativas no ambiente ao longo do tempo. Por exemplo, se fossem observar o formigueiro ao longo de várias visitas, as crianças poderiam notar se houve um aumento no número de formigas, mudanças na estrutura do formigueiro ou até mesmo sua relocação para outro local. Essas observações não apenas estimulam a curiosidade natural das crianças, mas também promovem uma compreensão mais profunda dos processos e interações no ecossistema local.

Além disso, a frequência regular no pátio permite que as crianças estabeleçam uma conexão íntima com o ambiente ao seu redor, fomentando um senso de responsabilidade ambiental e cuidado com a natureza. Ao testemunhar as transformações no formigueiro, as crianças são incentivadas a formular perguntas, elaborar hipóteses e buscar respostas através da observação direta e da discussão com seus pares e educadores.

Sob a ótica do princípio da continuidade, conforme destacado por Dewey (2023), toda experiência deveria ser concebida não apenas como um evento isolado, mas como um ponto de partida para vivências subsequentes que se aprofundem e ampliem o conhecimento das crianças. Nesse contexto observado, iniciar um projeto envolvendo as crianças com o formigueiro e os cogumelos poderia ser uma estratégia educacional valiosa. Este projeto poderia ser estruturado para favorecer o movimento de explorar inicialmente a observação do formigueiro e dos cogumelos, mas também para incentivar um aprendizado contínuo e progressivo ao longo do tempo. Por exemplo, as crianças poderiam documentar suas observações ao longo de várias semanas ou meses, registrando não apenas mudanças físicas, como o crescimento do formigueiro ou o florescimento dos cogumelos, mas também comportamentais,

como o padrão de atividade das formigas em diferentes condições climáticas. Dessa forma, o projeto não se limitaria a uma experiência pontual, mas serviria como uma base sólida para futuras explorações e aprendizados em um contexto mais amplo e profundo.

Ademais, a interação das crianças durante essa exploração enfatiza o valor do aprendizado colaborativo. Ao trabalhar em conjunto para encontrar mais cogumelos e discutir suas percepções sobre o formigueiro, as crianças não apenas compartilham conhecimentos e ideias, mas também desenvolvem habilidades sociais importantes, como a comunicação, a cooperação e o respeito pelas opiniões dos outros, ampliam seus pontos de vista.

A exploração contínua do espaço externo também permite que as crianças desenvolvam uma conexão mais profunda com a natureza. Ao observar e interagir com elementos naturais, como cogumelos e formigas, as crianças começam a entender melhor os processos e ciclos naturais, bem como a importância da biodiversidade. Este tipo de aprendizado experiencial fomenta uma atitude de cuidado e respeito pelo meio ambiente desde cedo.

Relacionando este episódio descrito acima com os Campos de Experiência da BNCC, percebemos como acontecem de modo integrado e enriquecedor. Para fins de organização dessa escrita, descreveremos as relações evidenciando alguns aspectos de cada campo.

Inicialmente, ao descobrirem os cogumelos, as crianças vivenciam o campo "O Eu, o Outro e o Nós", compartilhando suas descobertas e interações, fortalecendo o senso de pertencimento ao grupo. Enquanto continuam explorando o espaço, observando o formigueiro, elas se engajam no campo "Corpo, Gestos e Movimentos", utilizando seus corpos para explorar e interagir fisicamente com o ambiente: se inclinam, agacham, aproximam-se muito para visualizar, apontam, tocam.

Simultaneamente, o campo "Traços, Sons, Cores e Formas" é explorado enquanto as crianças observam e investigam as características visuais e táteis dos cogumelos e do formigueiro. Esta observação sensorial amplia seu repertório de conhecimentos sobre formas e cores na natureza, desconstruindo estereótipos e ampliando repertório de imagens.

À medida que formulam perguntas e levantam hipóteses sobre os cogumelos e o comportamento das formigas, as crianças se envolvem no campo

"Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação". Elas compartilham ideias, discutem suas descobertas e constroem narrativas, exercitando a comunicação e o pensamento crítico.

Por fim, destaca-se que no próprio percurso de explorar a pracinha, deslocar-se e ir descobrindo novas áreas e elementos naturais, as crianças também estão imersas no campo "Espaços, Tempos, Quantidades, Relações e Transformações". Elas se orientam no espaço, percebem a passagem do tempo durante a observação dos seres vivos e estabelecem conexões entre diferentes elementos do ambiente, compreendendo as transformações na natureza ao seu redor.

Figura 28 - Esquema: Onde se encontram os campos de experiências?



Fonte: Autora (2024)

Portanto, ao analisar este episódio, percebe-se como os cinco campos de experiência da BNCC são vivenciados de modo articulado, proporcionando às crianças uma aprendizagem significativa. Acredita-se que essa articulação é marcante no espaço externo da escola, onde as experiências das crianças não

são tão dirigidas pelo professor nem fragmentadas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como finalidade compreender como as experiências das crianças no espaço externo relacionam-se com a Base Nacional Comum Curricular para Educação Infantil. Foi possível verificar que, com base nas informações obtidas através de observações e entrevistas, que a escola investigada no Litoral Norte/RS implementa iniciativas que envolvem a interação das crianças com a natureza, promovendo o “desemparedamento”. O túnel “Curioso por Natureza”, por exemplo, está trazendo mudanças significativas, fomentando as experiências ao ar livre.

O trabalho de campo reafirmou o que vem sendo amplamente reconhecido na literatura de Tiriba (2010), Barros (2018), Barbosa e Horn (2022): que o uso do espaço externo na escola adquire relevância significativa na vida das crianças quando é cuidadosamente planejado e adaptado com a participação ativa delas e dos professores. Esse envolvimento não apenas facilita a criação de ambientes propícios para brincadeiras e interações, mas também promove uma escuta atenta das necessidades e interesses das crianças. Essa abordagem colaborativa e participativa não só enriquece as experiências educativas ao ar livre, mas também fortalece o vínculo entre as crianças, professores e o ambiente natural ao redor da escola.

Pôde-se constatar com a pesquisa que o espaço externo não é apenas um ambiente de recreação ou de “gastar energia”, mas sim um lugar fundamental de aprendizagem e experiência para as crianças. É nesse contexto que se desdobram de modo fluido os campos de experiências previstos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os quais abrangem desde o contato com a natureza até as interações sociais e culturais. Esses campos proporcionam oportunidades valiosas para que as crianças desenvolvam suas habilidades motoras, cognitivas e socioemocionais de maneira integrada e significativa.

Além disso, percebeu-se que o espaço externo da escola é um ambiente que respeita e promove os direitos de aprendizagem estabelecidos na BNCC - Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar e Conhecer-se, oferecendo um cenário ideal para que as crianças explorem, descubram e construam conhecimentos de forma autônoma e colaborativa. Ao ar livre, os direitos de aprendizagem são potencializados, pela amplitude e diversidade de contextos

que propiciam sem intervenções tão dirigidas dos adultos. Assim, nas idas ao espaço externo na escola pesquisada, percebeu-se que as crianças eram convidadas a: Conviver com outras turmas e participar do coletivo; brincar livre e conhecer-se em meio à natureza e explorar os espaços ao ar livre e expressar suas descobertas.

Sendo assim, pátios escolares são contextos que potencializam as explorações que as crianças realizam em resposta às suas curiosidades e ao desejo de compreender o mundo ao seu redor. Nesses espaços, as crianças não apenas interagem com o ambiente físico e natural, mas também se engajam em interações sociais com seus pares e adultos.

Portanto, considero o espaço externo uma extensão essencial da sala referência na Educação Infantil. Esses espaços proporcionam uma variedade de experiências que não podem ser replicadas em ambientes fechados, permitindo que as crianças interajam com o meio ambiente de forma direta e significativa. A BNCC ressalta a importância de valorizar e integrar diferentes espaços no planejamento pedagógico, e considero que o uso dos ambientes externos enriquece as práticas educativas, tornando-as mais envolventes e diversificadas às crianças.

Por fim, um aspecto relevante a ser considerado é a utilização dos espaços externos mesmo em dias de chuva. Embora essa prática não tenha sido observada durante o período de geração de dados, as entrevistas destacaram a intenção de implementá-la. Abrir as portas e utilizar os espaços externos em condições climáticas adversas pode proporcionar uma rica diversidade de experiências educacionais, permitindo que as crianças interajam com o ambiente de maneiras únicas e significativas. Essa abordagem reflete um compromisso com a adaptabilidade e a inovação no processo pedagógico, valorizando a capacidade de integrar a natureza no cotidiano escolar, independentemente das condições meteorológicas. Tal prática evidencia a busca por um ensino dinâmico e inclusivo, que reconhece a importância de explorar todas as possibilidades que o ambiente oferece para o enriquecimento do aprendizado.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Joaquim Machado de; ARAÚJO, Alberto Filipe. Célestin Freinet: trabalho, cooperação e aprendizagem, (In) FORMOZINHO, Júlia Oliveira; KISHIMOTO, TikuzoMorchida; PINAZZA, Mônica Appezzatiao (Orgs.). *Pedagogia (s) da Infância: Dialogando com o passado, construindo o futuro*. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 162.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; CRUZ, Silvia Helena Vieira; FOCHI, Paulo Sergio; OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. Que é básico na base nacional comum curricular para a educação infantil? **Debates em Educação**, v. 8, n. 16, p. 11, 2016. Disponível em: Acesso em: 01 jul. 2024.

BARROS, Maria Isabel Amando de (Org). **Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza**.2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Alana, 2018.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 23 mai. 2024

CASTELLI, C. M. **Ampliando as discussões sobre a aprendizagem na educação infantil**: observação e participação entre bebês e crianças mais velhas. In: XI Reunião Científica Regional da ANPED - ANPEDSul, 2016, Curitiba. *Trabalhos completos*, 2016. p. 1-15.

CASTELLI, Carolina Machado; DELGADO, Ana Cristina Coll. **Bebês que se relacionam com crianças mais velhas: cuidados e conflitos na educação infantil**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 44., 2024, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: ANPED, 2015. Disponível em: <https://anped.org.br/wp-content/uploads/2024/05/trabalho-gt07-3704.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2024.

CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância**. Tradução: Lia Gabriele Regius Reis. 2ª ed. PortoAlegre: Artmed, 2011.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

EMMEL, Maria Luísa Guillaumon. **O pátio da escola: espaço de socialização**. *Paidéia (Ribeirão Preto)* [online]. 1996, n. 10-11 [Acessado 20 março 2024] , pp. 45-62. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-863X1996000100004>>. Acesso em: 20 mar. 2024

FERNANDES, Natália. **Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios**. *Revista Brasileira de Educação*, v. 21, n. 65, p. 395-414, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27546753012>. Acesso em: 14 jul. 2024.

GRAHN, P. G. S. **The importance for health of nature areas and parks.** European Regional Planning, no 56. 1994.

HADDAD, Lenira; HORN, Maria da Graça Souza. **Mais que um lugar para gastar energia.** In. Educação Infantil e espaço externo: um convite para aprender prazerosamente. Revista Pátio. Educação Infantil. Ano 2013.

HORN, Maria da Graça Souza; BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Abrindo as portas da escola infantil: viver e aprender nos espaços externos.** Porto Alegre: Penso, 2022.

KISHIMOTO, Tikuzo Morchida; PINAZZA, Mônica Appezzato (Orgs.). **Pedagogia (s) da Infância: Dialogando com o passado, construindo o futuro.** Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 162.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil. **ANAI DO I SEMINÁRIO NACIONAL: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais.** Belo Horizonte, novembro de 2010. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro2010-pdf/7155-2-3-brinquedos-brincadeirastizuko-morchida/file> > Acesso em: 15 jun. 2022.

MONTEIRO, Janaína de Aguiar; RODRIGUES, Jessica. **Os espaços externos como múltiplas experiências na Educação Infantil.** Universidade Federal de Paraná, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosseis/article/view/1980-4512.2015n31p264>. Acesso em: 20 mar. 2024.

SANTOS, Ana Carolina de Jesus. **ALÉM DE QUATRO PAREDES: o espaço externo no cotidiano da Educação Infantil.** Universidade Federal Do Rio De Janeiro, 2016. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/3199/3/ACJSantos.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2024.

SANTOS, Elaine Cordeiro dos. (et.al.). **Natureza e Educação Infantil: descobrindo e experimentando elementos. Práticas de Iniciação à docência na região Sul.** EnlicSul. Seminário Institucional Pibid/UNISINOS, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/7826/6507-9658-1-DR.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 mar. 2024.

SBP. **Sociedade Brasileira de Pediatria.** Grupo de Trabalho em Atividade Física. Manual de Orientação. Promoção da Atividade Física na Infância e Adolescência. SBP; 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/19890d-MO-Promo_AtivFisica_na_Inf_e_Adoles.pdf. Acesso em: 20 mar. 2024.

TIRIBA, L. **Crianças, natureza e educação infantil.** 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/>. Acesso em: fev. 2024.

TIRIBA, Lea. **Crianças da Natureza**. Ministério da Educação e do desporto. Coordenadoria de Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 2010.

TIRIBA, L. **Desemparedamento da infância**: a escola como lugar de encontro com a natureza. Rio de Janeiro: Alana, 2018.

TIRIBA, L., BARROS, M. I. A. D. **Desemparedamento da infância**: A escola como lugar de encontro com a natureza. Programa Criança e Natureza ALANA. Rio de Janeiro, 2018.

TOLEDO, Maria Leonor Pio Borges de. Pátios de escolas de educação infantil: entre o exposto e o escondido, marcas e vestígios. **Educação e Pesquisa**, 2017, v. 43, n. 1, pp. 177-198. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ep/a/7xvhXHV8nBFdzZpYCfn_3gYr/?lang=pt#. Acesso em: 14 set. 2021.

YIN. R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução de Daniela. Bueno. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto alegre, RS: Penso, 2016.

APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA COM A COORDENADORA

Dados de identificação:

Faixa etária:

Formação:

Tempo de magistério:

Tempo de atuação na coordenação em escola de Educação Infantil:

Perguntas:

1-Há organização institucional para uso dos espaços externos pelas turmas (escala, horários, etc)? Quais turmas os frequentam?

2- As crianças frequentam os pátios diariamente? Em todos os períodos do ano?

3- Em sua visão, há desafios com relação ao uso do espaço externo na educação infantil? Caso sim, quais?

4- O que levou à decisão de reorganizar o pátio da escola? Poderia descrever como tem sido esse processo até agora? Quais foram os principais envolvidos nesse projeto? Já foram implementadas mudanças? Se ainda estiver em andamento, quais etapas ou ações estão planejadas para o futuro?

5- Quais estratégias a escola adota para integrar o espaço externo nas práticas educativas, visando atender aos diferentes campos de experiências propostos pela BNCC?

6- Mais alguma informação que gostaria de compartilhar sobre o tema da pesquisa?

APÊNDICE B - ROTEIRO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA

Dados de identificação:

Faixa etária:

Formação:

Tempo de magistério:

Tempo de atuação na Educação Infantil:

Perguntas:

1-Sua turma frequenta o espaço externo? Com que frequência?

2- O que você observa nas ações e relações das crianças quando estão ao ar livre? Há diferença com relação ao que acontece na sala referência?

3- Como percebe o papel do espaço externo na educação infantil?

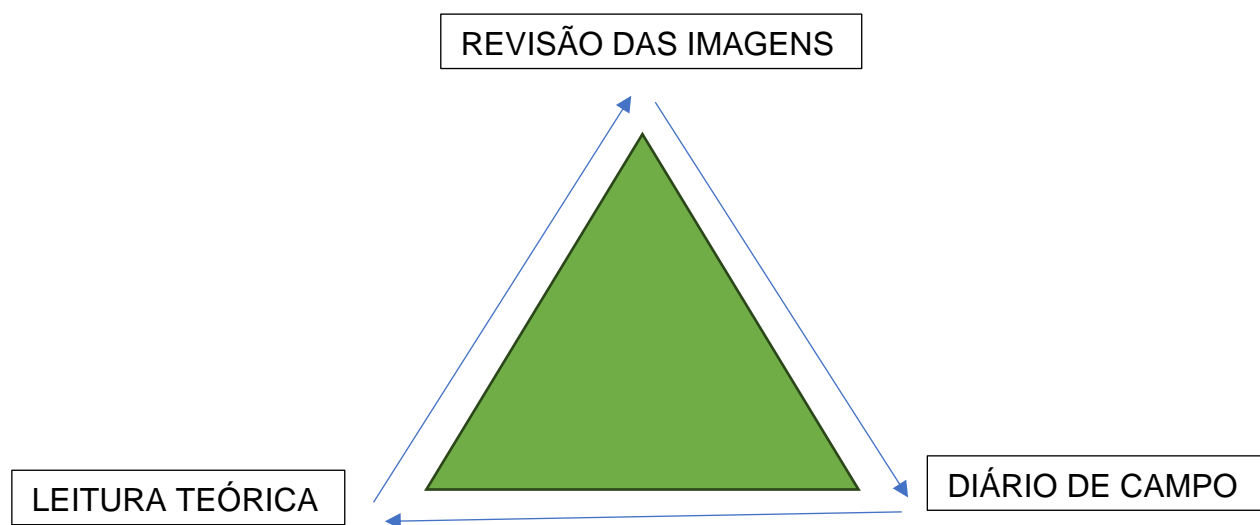
4- De que maneira você utiliza o espaço externo para promover a interação das crianças com a natureza e o meio ambiente, enriquecendo as experiências relacionadas aos campos e direitos da BNCC?

5- Recorda de alguma situação/um fato/proposta significativa(o) que tenha ocorrido no espaço externo? Se sim, pode me relatar ou compartilhar registros caso os tenha?

6 - Você elabora planejamentos específicos para os momentos ao ar livre? Se sim, o que leva em conta ao desenvolver essas propostas? Poderia compartilhar algumas delas como exemplo? Nas idas ao pátio, costuma levar algum recurso extra? Como por exemplo brinquedos, objetos e etc.

7- A escola tem feito mudanças na área externa, você participa do processo de reorganização do espaço externo? Se sim, poderia me explicar sobre? Percebeu mudanças?

8- Mais alguma informação que gostaria de compartilhar sobre o tema da pesquisa?

APÊNDICE C - TRIANGULAÇÃO DE DADOS

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) professor(a),

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar, voluntariamente, de uma pesquisa sobre o tema “espaços externos na Educação Infantil e Base Nacional Comum Curricular (BNCC)”, que será realizada pelo(a) acadêmico(a), Camila Yumi Tochihara Reyes do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. A pesquisa tem como objetivo compreender como as experiências das crianças no espaço externo relacionam-se com a Base Nacional Comum Curricular para Educação Infantil e será realizada sob orientação da Prof^a Dra. Carolina Gobbato (UERGS).

Ao (a) participante é garantida a manutenção do sigilo da sua identidade durante todas as fases da pesquisa e apresentações ou publicações que venham a ser realizadas.

O material desta pesquisa será utilizado para fins de pesquisa e publicações acadêmicas, tais como: escrita do Trabalho de Conclusão de Curso, publicação de artigo(s) em periódicos nacionais e/ou internacionais e de trabalhos em anais de eventos científicos, apresentação em eventos acadêmicos e de formação de professores.

A qualquer momento, é assegurada ao(a) participante a liberdade de recusar ou retirar o consentimento de sua participação na pesquisa sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo ou constrangimento. O (a) pesquisador (a) compromete-se a esclarecer qualquer dúvida ou questionamento que eventualmente o(a) participante venha a ter no momento da pesquisa e, posteriormente, pelo telefone (51) 3663-9455 ou pelo e-mail carolina-gobbato@uergs.edu.br.

Após ter lido como será esta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu _____, inscrito no RG sob no _____, CPF no _____, residente na _____, bairro _____, no município de _____, de forma livre e esclarecida, concordo em participar desta pesquisa. Assino os termos em duas vias.

Assinatura do(a) participante

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Osório, _____ de _____ de 2024

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Aos pais e/ou responsáveis,

TEMA DA PESQUISA: Os espaços externos na Educação Infantil e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Eu
 portador(a) do RG nº....., CPF
 nº....., residente na
 rua
 nº....., na cidade de....., por meio do termo
 abaixo assinado, na condição de responsável legal por meu
 filho(a) dou
 meu consentimento livre e esclarecido para a participação na pesquisa e uso de
 imagem do mesmo(a) na pesquisa acima referida, realizada pelo(a)
 acadêmico(a) Camila Yumi Tochihara Reyes, concluinte do Curso de Graduação
 em Pedagogia – Licenciatura, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

- 1- Este estudo procura investigar as contribuições do Espaço Externo durante as vivências e experiências na escola de Educação Infantil
- 2- Fui informado(a) que observações e registros fotográficos farão parte da coleta de dados desta pesquisa.
- 3- Estou ciente de que dados e resultados desta pesquisa poderão ser utilizados para fins de pesquisa e publicações acadêmicas, tais como: escrita do Trabalho de Conclusão de Curso, publicação de artigo(s) em periódicos nacionais e/ou internacionais e de trabalhos de eventos científicos, apresentação em eventos acadêmicos e de formação de professores.
- 4- Estou ciente que a pesquisa não me trará nenhum retorno financeiro, dano ou despesa.
- 5- A qualquer momento, é assegurada ao(a) participante a liberdade de recusar ou retirar o consentimento de sua participação na pesquisa sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo ou constrangimento. O(a) pesquisador(a) compromete-se a esclarecer qualquer dúvida ou questionamento que eventualmente o(a) participante venha a ter no momento da pesquisa e, posteriormente, pelo telefone (51) 3663-9455 ou pelo e-mail carolina-gobbato@uergs.edu.br.

Declaro que autorizo a participação de meu (minha) filho(a) na referida pesquisa, bem como o uso de imagem descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem de meu(minha) filho(a) ou a qualquer outro, e assino a presente autorização de 02 vias de igual teor e forma.

 Assinatura do responsável

 Assinatura do(a) pesquisador(a)